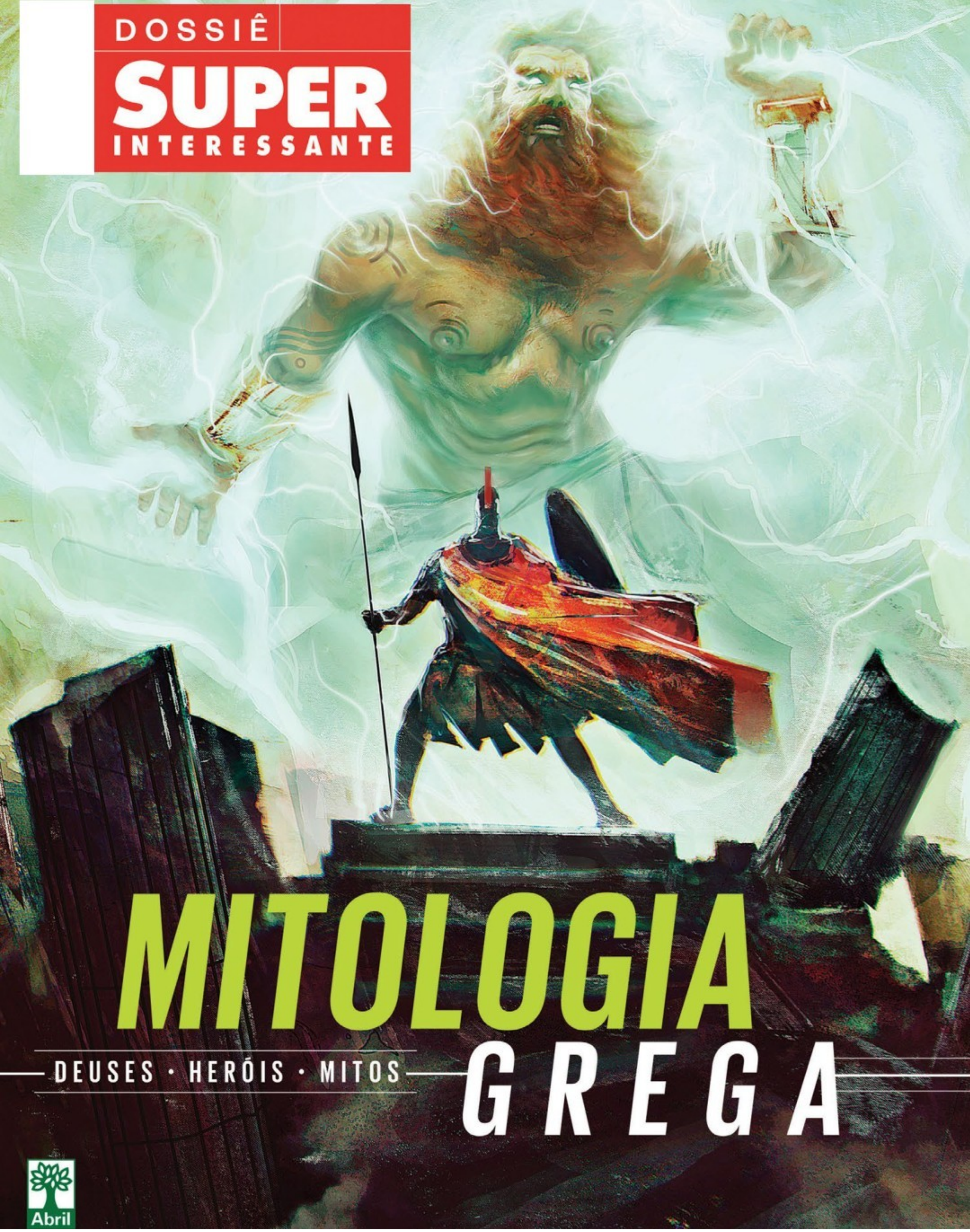
DOSSIÊ

SUPER INTERESSANTE



MITOLOGIA GREGA

DEUSES · HERÓIS · MITOS

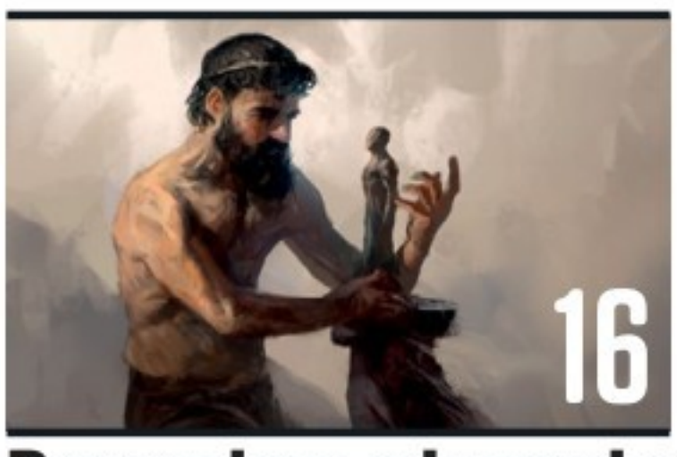
Abril

SUMÁRIO

No início, era o Caos
Na mitologia grega, a ordem nasceu da confusão total.

A linhagem dos deuses
Decifre os complexos laços familiares das divindades gregas.

A queda dos titãs
O brutal senhor do tempo foi derrubado pelos deuses do Olimpo.



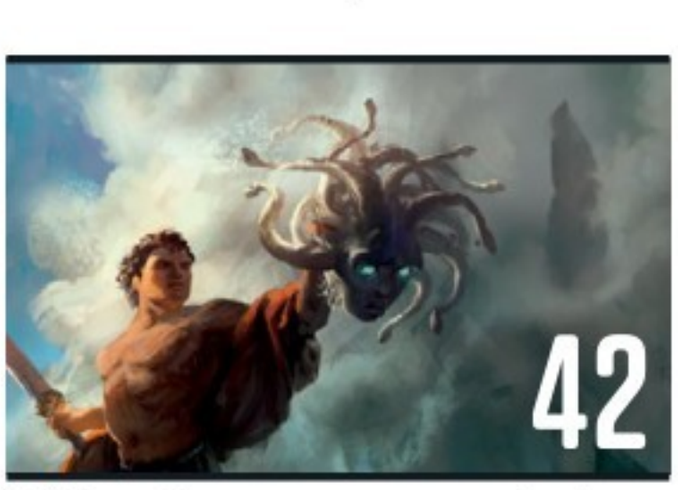
Prometeu, o inventor da humanidade
O sábio titã deu a vida, as artes, as ciências e o fogo aos seres humanos.

Irmãos divinos
Zeus era o senhor supremo dos deuses olímpicos. Mas dividiu o domínio do mundo com seus dois irmãos e aliados.

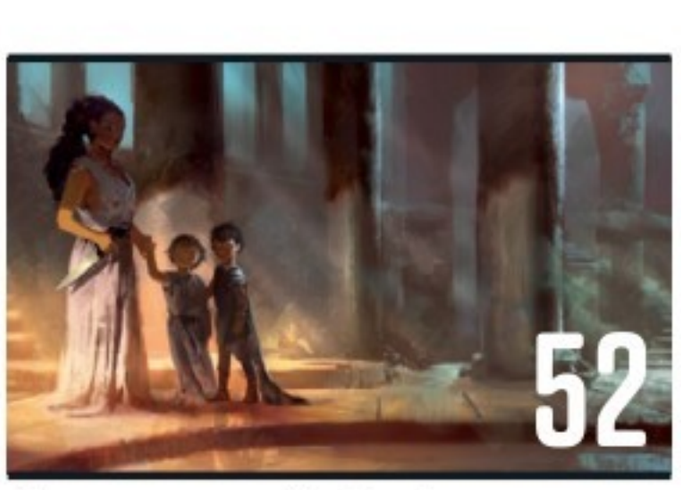
Rivais olímpicas
Tão belas quanto poderosas, as deusas gregas distribuíam favores e punições na medida de sua vaidade. E ai de quem as ofendesse.

O deus que fere de longe
O deus da luz e da medicina também causava a morte súbita.

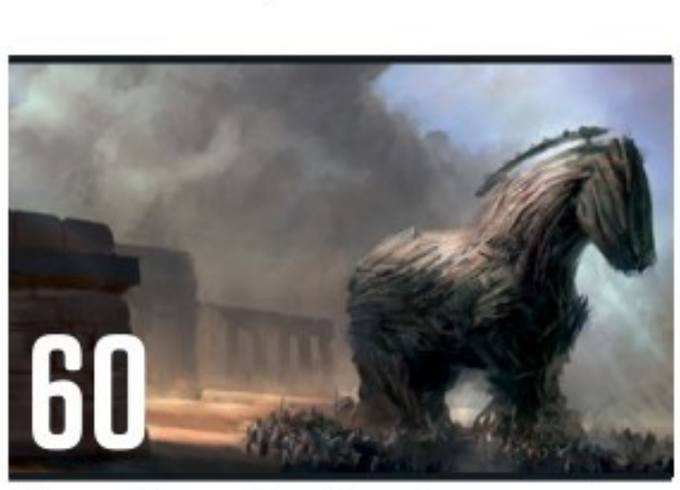
A rebelião dos gigantes
Imensos e violentos, eles desafiaram o poder de Zeus.



O tortuoso caminho dos heróis
Os grandes duelos e façanhas eram símbolo de todas as lutas humanas.



Amores fatais
Moira, a deusa do destino, atacava sem aviso, e podia lançar qualquer pessoa na desgraça. Nem mesmo Zeus contrariava suas decisões.



A mãe de todas as guerras
A beleza de Helena destruiu a mais fabulosa cidade dos mitos.

No início, era o Caos

Na mitologia grega, o mundo já nasceu marcado pela confusão, pela brutalidade e pelo incesto. Capazes de extraordinária violência, as divindades primordiais também geraram a vida e a beleza.

texto JOSÉ FRANCISCO BOTELHO

ilustração MIKE AZEVEDO

No princípio de todos os mitos, houve um tempo em que nada existia no Universo além do Caos – a mais antiga, a mais inexplicável, a mais absurda das divindades. Nenhum poeta e nenhum filósofo grego imaginava o que teria existido antes dele: era o primeiro dos deuses, a sombra de loucura e confusão que está nas profundezas de tudo o que existe.

O Caos ocupava todo o espaço do Universo. Nele, estavam misturadas as sementes de todas as coisas futuras: mas não havia ordem alguma, apenas um turbilhão sem sentido e sem fim.

No poema *As Metamorfoses*, escrito no século 1 a.C., o poeta romano Ovídio descreve assim a terrível divindade que deu origem a tudo: "Antes que a terra, o mar e o céu tomassem forma, a natureza tinha apenas uma única face, chamada Caos: uma massa crua e desestruturada, um conglomerado de matéria composta por elementos incompatíveis... Nenhum

O Caos originou a primeira promessa de ordem.

DA CONFUSÃO TOTAL, BROTOU GAIA, A TERRA, ESTÁVEL E FIXA, MÃE DE TODOS OS DEUSES E MORTAIS. E A DESORDEM DOS ELEMENTOS FOI DIMINUINDO, ATÉ DAR LUGAR AO COSMOS.

elemento estava em sua forma correta, e tudo estava em conflito dentro de um mesmo corpo: o frio com o quente, o seco com o molhado, o pesado com o leve". O Sol não iluminava o dia, e a Lua não brilhava à noite. Não havia chão para firmar os pés, nem mar para se nadar – todos os elementos estavam misturados num caldo primitivo. E as coisas, embora sempre em convulsão, não saíam do lugar: pois não havia sequer direita e esquerda, em cima ou embaixo, Norte ou Sul, dentro ou fora. O Caos era tudo e, ao mesmo tempo, nada.

Mas de repente, e sem qualquer explicação, brotou do Caos o primeiro sinal de um futuro menos caótico: uma deusa. Era a Terra, que os gregos chamavam de Gaia, "a de seios fartos". Às vezes, Gaia era descrita como uma deusa com forma humana. Às vezes, ela se confundia ao próprio planeta – como outros povos antigos, os gregos acreditavam que a Terra flutuava suspensa no centro do Universo. Seja como for, Gaia tinha uma forma fixa, estável, ao contrário do Caos. Sobre o imenso corpo fértil de Gaia, os elementos antes em confusão começaram a se organizar, ocupando cada um seu lugar correto. Fogo, terra, água e ar destilaram-se uns dos outros. Os elementos libertavam-se do confuso abraço mútuo. E as curvas generosas de Gaia iam dando origem a colinas suaves, vales profundos, montes e montanhas.

Tudo isso ocorreu de forma misteriosa, sem a intervenção direta de um ser bondoso e ordeiro. Os mitos gregos não explicam como a Terra surgiu das trevas e da confusão. "Ao contrário da tradição hebraica e cristã, não existia um Criador na mitologia grega", explica o historiador Anderson Zalewsky Vargas, especialista em Antiguidade clássica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). "O Caos é uma divindade negativa – mas, dele, nascem todas as coisas positivas. Essa é a ambiguidade do pensamento grego antigo: não existe maniqueísmo na concepção do mundo. Coisas boas podem vir de coisas ruins. E vice-versa".

Das profundezas do Caos, surgiram outros seres grandiosos, enigmáticos e tão antigos que a mente humana mal consegue compreendê-los. Um deles foi Eros (Amor, entre os romanos), o princípio da atração universal: graças a ele, elementos diferentes se uniam para gerar novos seres. Era uma divindade irresistível. Não era, ainda, o amor entre humanos, mas a força motriz que faz o próprio Universo seguir existindo.

Mas junto a Eros também surgiu Tártaro. Como Gaia, era tanto uma divindade quanto um lugar: um abismo obscuro, nevoento e infinitamente profundo. Na organização do Universo, Tártaro se fixou abaixo de Gaia. Dois mundos contíguos,

mas distantes: se um buraco fosse cavado da superfície da Terra até o Tártaro, uma bigorna levaria vários dias para chegar lá em queda livre. No Tártaro, subsistia a confusão e as sombras do antigo Caos. Era um lugar horrendo, a mais profunda prisão onde os deuses jogavam seus inimigos. Do Caos, também nasceram outras duas divindades primordiais: Nyx, a Noite, e Érebo, a Escuridão (*leia mais no box ao lado*).

Sob a influência de Eros, Gaia sentiu a pontada do desejo: queria que suas férteis curvas fossem cobertas pelo corpo vigoroso de um companheiro. Por isso, Gaia gerou e gestou – sozinha – dois filhos que seriam também seus amantes. Primeiro ela criou o Céu Estrelado, que os gregos e romanos chamavam de Urano. Em seguida, gerou o imenso e rumoroso Ponto – o Mar Salgado. Agora, o mundo da mitologia grega estava estruturado: no alto, o Céu; no meio, a fértil Gaia, com montanhas e planícies, banhada pelas ondas do mar; e, lá nas profundezas, o Tártaro sombrio. E assim o Caos ia se transformando em Cosmos – palavra que em grego significa "ordem".

O REINADO DE URANO

O Mar e a Terra se amaram apenas uma vez. Da união, surgiu uma vasta descendência de deuses e criaturas primordiais que viveriam nas profundezas do oceano. O primeiro filho de Ponto e Gaia foi Nereu, antiga divindade do mar Egeu, que os gregos chamavam de Velho do Mar. Ele tinha o poder de assumir a forma de todos os seres marinhos. Depois, vieram Fórcis e Ceto, encarnações dos perigos do mar, e ancestrais das criaturas gigantescas das profundezas aquáticas, como as baleias.

Mas o Céu Estrelado era mais faminto de amor. Enlouquecido pelo poder de Eros, Urano deitou-se sobre as curvas deliciosas de Gaia, numa febre sexual insaciável. E começou a fecun- ►

Os filhos da Noite

Nascidos das trevas, eles seriam eterna companhia dos mortais

Nyx e Érebo, dois irmãos gêmeos, andavam juntos nas profundezas do Caos. Érebo era a escuridão absoluta; Nyx, a escuridão passageira, que todos os dias roça seu manto de sombras sobre Gaia, a Terra. No meio do Caos, Eros enfeitiçou os irmãos sombrios. As duas escuridões se uniram – e, dessa união, curiosamente, nasceram criaturas luminosas. Uma delas se chamou Éter – a mais pura das luzes, que ilumin aos deuses. A outra, mais modesta, era Hemera, também conhecida como Dia – cujo destino era iluminar os mortais.

Mas assim como tivera dois filhos feitos de luz, Nyx também deu à luz uma ninhada de seres horrendos, que por séculos e séculos haveriam de perseguir os habitantes do Universo. Entre eles, estavam Tânatos, a Morte; Moira, o Destino; Ker, a Fatalidade; e Éris, a Discórdia. A Noite primordial também gerou um grupo de seres que às vezes trazem descanso e prazer, mas às vezes se transformam no negro devaneio dos pesadelos: Hypnos, o Sono, e seus misteriosos irmãos, os Sonhos.

Depois disso, Érebo mergulhou no Tártaro e lá ficou para sempre, bem longe de seus filhos Éter e Dia. E a Noite, após presentear o mundo com a luz e o infortúnio, envolveu-se em seu manto de trevas e ficou sozinha no espaço imenso. Nenhuma história é contada a seu respeito desde então.

© Adams Carvalho

Com a foice forjada por Gaia, Cronos, deus do tempo, cometeu o primeiro crime familiar: atacou e castrou seu próprio pai, o despótico Urano, deus do Céu Estrelado.

dá-la sem descanso. Não queria ser apenas o amante de Gaia: queria dominá-la totalmente. Gemendo sob as arremetidas do Céu desvairado, Gaia sentiu o ventre inchar e, em seguida, deu à luz seis filhos e seis filhas, chamados de titãs e titânides: Oceano, Coios, Crios, Hipérion, Jápeto, Teia, Reia, Têmis, Febe, Tétis, Mnemósine e, por fim, Cronos, deus do Tempo, conhecido como Saturno entre os romanos. Poetas gregos o chamaram de "o mais terrível filho da Terra". Desde o momento em que nasceu, Cronos sentiu um ódio inexplicável pelo pai. E ambos, de fato, estavam destinados desde sempre a se enfrentar.

Para Gaia, o que havia começado como prazer aos poucos se transformava em tortura. Loucamente amoroso, Urano prendia a Terra sob seu peso e mal a deixava repousar. E novos filhos eram gerados – rebentos cada vez mais monstruosos e colossais. Os titãs e as titânides eram seres grandiosos, às vezes violentos e terríveis, mas belos e com forma humana (embora naquela época ainda não existissem mortais para embasar a comparação). Depois deles, contudo, Gaia deu à luz os três ciclopes: Brontes, Estéropes e Arges, gigantes de mãos habilidosas. Com um único olho bem no meio da testa, eram talentosos artesãos: mais tarde, fabricariam muitas das armas usadas pelos deuses em suas disputas e peripécias. Em seguida, vieram mais três filhos descomunais: Coto, Briareu e Giges, os hecatônquiros, gigantes com cem braços e 50 cabeças.

Urano não tinha afeto algum pelos filhos. Na verdade, detestava-os. Impiedoso, ele os condenava ao aprisionamento perpétuo assim que nasciam. "A todos os filhos que teve com a Terra, o Céu os odiava, desde o começo; nem bem vinham ao mundo, ele os encarcerava em uma cova na Terra, não permitindo que saíssem de lá, nem que vissem a luz do dia. E o Céu se alegrava com sua maligna obra", escreveu o poeta grego Hesíodo na obra *Teogonia*, do século 8 a.C. Depois de tanta gravidez, Gaia sofria, atulhada com os 18 filhos presos em seu interior. Lá em cima, Urano sorria ao ouvir os gemidos da prole encarcerada. Gaia resolveu pôr um fim ao domínio brutal de seu marido: arrancou, de seu próprio corpo, um veio de metal cinzento. Com ele, forjou uma foice: a primeira arma a ser fabricada. Em seguida, estendeu-a aos filhos prisioneiros. E incitou-os a atacar o próprio pai.

O sangue do céu caiu sobre a Terra.

DAS POÇAS FUMEGANTES, NASCERAM OS GIGANTES, ENCARNAÇÕES DA FORÇA BRUTA, E AS TERRÍVEIS ERÍNIAS, PUNIDORAS DE CRIMES FAMILIARES.

A CASTRAÇÃO DE URANO

Todos se encolheram de terror, menos Cronos. O terrível filho da Terra apanhou a foice, escapou da caverna subterrânea e ficou de tocaia, à espera de Urano. O Céu, que estivera descansando de seu amor furioso, veio descendo pelas encostas das montanhas, para mais uma vez se deitar sobre Gaia. Nisso, Cronos deu um salto e atacou. Os deuses são imortais, sim (*com uma exceção: Pã, o deus que andava pelos bosques, tocava flauta e morreu em circunstâncias desconhecidas)*. Mas isso não significa que não possam ser feridos. Com a mão esquerda, Cronos agarrou a detestada genitália paterna. Com a direita, brandiu a foice. Pênis e testículos foram decepados.

Urano soltou um urro que ecoou por todo o Universo. Castrado, ele fugiu para as alturas, muito além do cume das montanhas, e nunca mais voltou a se deitar sobre sua amada Terra. No máximo, às vezes, envia rajadas de chuva para acariciá-la, lembrando-se talvez dos tempos em que eram marido e mulher. O reinado de Urano havia acabado e uma nova era começava. Mas, enquanto fugia, ele lançou contra Cronos e todos os titãs uma maldição terrível: "Um dia, todos vocês serão punidos por erguerem as mãos contra seu pai!"

Mesmo após a castração, a semente de Urano fecundou Gaia por uma última vez. Jorros de sangue saltaram da ferida no Céu e salpicaram a superfície da Terra. Das fumegantes poças vermelhas se levantaram, primeiro, três figuras de cabelos desgrenhados, cobertas por mantos escuros, com asas negras; serpentes sibilantes se enroscavam em seus cabelos e braços. Eram as Erínias, as pavorosas deusas da vingança. Sua função era punir todos os que quebrassem a ordem natural das coisas – perseguiam quem desrespeitasse juramentos e também quem cometesse crimes contra familiares. Embora elas próprias tivessem nascido a partir de um crime desse tipo, elas puniam com especial crueldade os filhos que atacassem os pais. Batendo suas asas negras e gritando de forma horrenda, levavam o criminoso à loucura e à desgraça. Além das implacáveis Erínias, o sangue de Urano também gerou os gigantes, seres descomunais e monstruosos, encarnações da violência bruta.

Como se vê, o mundo da mitologia grega nasceu em um festival de trevas, crimes, fúrias e paixões. "O temperamento irascível é uma característica forte dos deuses antigos. Eram divindades terríveis, sempre prontas a uma violência extraordinária", resume o historiador Francisco Marshall, especialista em cultura grega antiga, também da UFRGS. Mas em meio à turbulência que cercou a queda de Urano, houve um momento de doçura transcendente. O pênis decepado, ao cair do céu, mergulhou no mar. Ao seu redor, espalhou-se uma espuma branca e suave, formada pelo esperma de Urano. E daquela espuma, pouco a pouco, surgiu a mais bela, a mais irresistível, a mais doce e também uma das mais poderosas divindades: Afrodite, deusa da atração física e do erotismo. Se Eros comandava a união dos elementos do Universo, Afrodite governaria a ligação dos corpos aqui na Terra. No futuro, ao longo de séculos, ela teria muito trabalho a fazer entre deuses e mortais.

A linhagem dos

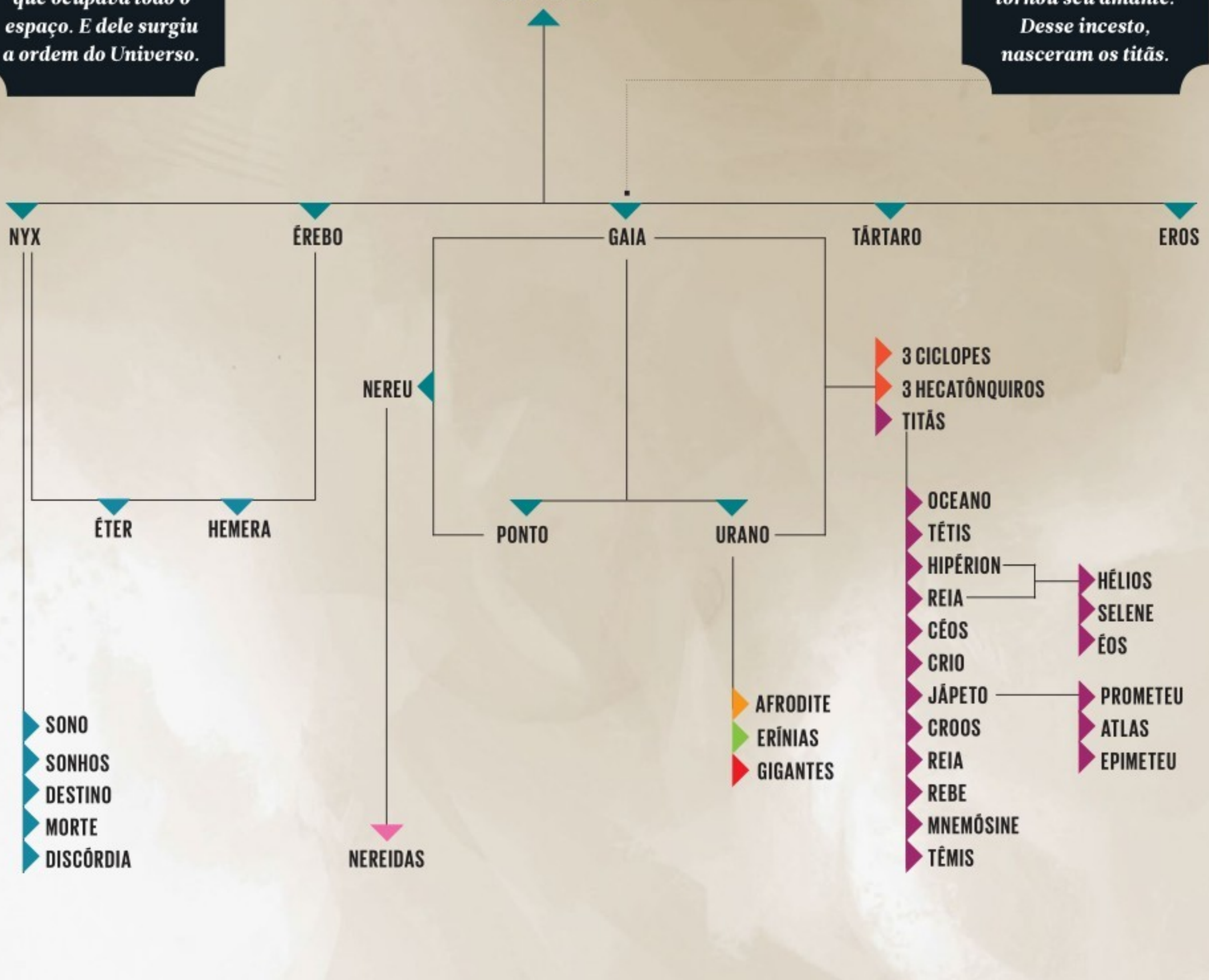
DIVINDADES PRIMORDIAIS Assim os gregos chamavam o Caos primitivo e as primeiras gerações de deuses: Eros, Érebo, Noite, Gaia – e os primeiros filhos dela, Urano e Ponto.

TITÃS E SEUS DESCENDENTES Filhos de Urano e Gaia, os titãs governaram o mundo recém-surgido do Caos. Seu chefe era Cronos, deus do tempo. Alguns titãs eram brutais, outros sábios e sensatos.

DIVINDADES OLÍMPICAS Após derrotar os titãs, Zeus e seus irmãos dividiram o governo do mundo. Os deuses olímpicos tiveram filhos e filhas: uma nova geração de deuses.

Os mitos não contam o que existia antes do Caos. Ele era a confusão original, que ocupava todo o espaço. E dele surgiu a ordem do Universo.

A Mãe Terra foi a primeira divindade a nascer do Caos. Gerou Urano, o Céu, que se tornou seu amante. Desse incesto, nasceram os titãs.



deuses

O Caos foi o primeiro ser e a origem de todas as divindades. Abaixo, conheça a árvore genealógica dos deuses. texto JOSÉ FRANCISCO BOTELHO

NEREIDAS Imortais, belas e eternamente jovens, eram ninfas filhas de Nereu, o Velho do Mar. Habitavam as águas e as ilhas do Egeu.

DIVINDADES INFERNAIS Nas profundezas da Terra, um grupo de divindades habitava o reino dos mortos. Seu rei era Hades, irmão de Zeus.

MONSTROS Alguns monstros eram criaturas brutais e ferozes. Outros eram artesãos talentosos, como os ciclopes, filhos de Gaia.

MORTAIS Os homens foram criados pelo titã Prometeu. A primeira mulher foi obra de Hefesto. Casos entre deuses e mortais eram comuns.

Filho de Cronos, Zeus se rebelou contra o brutal reinado do seu pai. Liderou seus irmãos e irmãs em uma rebelião contra o domínio dos titãs.

Armado com uma foice, Cronos, deus do tempo, castrou e destronou seu pai, Urano. Mas se tornou um governante igualmente despótico.

Filho de Zeus e da mortal Alcmena, Héracles foi o maior de todos os heróis gregos e se tornou um semideus no Olimpo.

A queda dos titãs

Cronos, o deus do tempo, foi um governante brutal e implacável. Seu terrível reinado levou à revolta de seus filhos. E assim começou a guerra entre olímpicos e titãs, que sacudiria o mundo.

texto JOSÉ FRANCISCO BOTELHO

Ilustrações MIKE AZEVEDO

Urano, o antigo senhor do mundo, estava derrotado e humilhado. Agora, havia chegado a hora dos titãs. Coube a eles governar as terras vastas e os mares profundos que haviam nascido de Gaia, a grande Mãe Terra. Embora fosse o caçula, Cronos era o mais astuto, o mais destacado e o mais temível entre todos os seus irmãos. Os gregos e os romanos o adoravam como deus do tempo – sempre empunhando a foice, sem piedade e pronto a destruir tudo o que existisse. Apenas sua irmã Mnemósine – deusa da memória – ousava se opor a ele, preservando um pouco do que Cronos destruía. Mas, no final, o tempo sempre vence a memória.

Oceano, o mais velho dos titãs, não tinha interesse algum em disputar o mando com o irmão mais novo. Foi viver nos confins do mundo, transformando-se em um gigantesco fluxo de água, uma espécie de rio circular que envolvia toda a Terra. Do imenso Rio Oceano – assim era chamado pelos gregos –, fluía toda a água fresca dos córregos, das fontes e das cachoeiras. Já as águas salgadas eram território de Ponto e seus filhos. Os outros titãs e titânides se espalharam por diferentes partes do mundo.

Cronos era um governante ciumento, despótico e paranoico. Desconfiava dos outros titãs, mas não ousava desafiá-los abertamente. Deixou que vagassem pelo mundo, desde que não interferissem com seu governo. Já em relação a seus outros irmãos, os ciclopes e os hecatônquiros, foi menos diplomático: para impedir que ameaçassem seu domínio, trancafiou-os no horrível abismo do Tártaro, apesar dos protestos de Gaia. Junto aos portões do calabouço, colocou um guarda pavoroso: o dragão-fêmea Campe, que tinha rosto de mulher, rabo de escorpião e escamas de réptil.

Com todos os irmãos distantes ou presos, Cronos ficou tranquilo por algum tempo. Ergueu um palácio na região da Élida, no oeste da Grécia, e de lá governava o mundo. Por esposa, tomou sua própria irmã, a titânide Reia. Porém, assim que a esposa engravidou pela primeira vez, a insegurança de Cronos redespertou: ele temia ter o mesmo destino

Cronos era um deus implacável.

TEMENDO SER DESTRONADO, DEVORAVA OS PRÓPRIOS FILHOS ASSIM QUE NASCIAM. APENAS ZEUS ESCAPOU.

de seu pai Urano, destronado pelo próprio filho. Para aplacar seu medo, recorreu a um método ainda mais selvagem do que o de Urano. Em vez de encarcerar os filhos, ele os devorava. "Tão logo cada recém-nascido surgia entre os joelhos de Reia, saindo do ventre sagrado, Cronos – sempre vigiando à espreita, com olhos atentos – engolia-os sem tardar", escreve o poeta Hesíodo na obra *Teogonia*, composta no século 8 ou 7 a.C.

Assim, o terrível Tempo devorou vorazmente seus cinco primeiros filhos: Héstia, Deméter, Hera, Poseidon e Hades. Enfurecida pela brutalidade do marido, Reia começou a tramar sua queda. E a Mãe Gaia resolveu ajudá-la.

O NASCIMENTO DE ZEUS

Reia, grávida do quinto filho, escondeu-se no topo do monte Liceu, na Arcádia. À hora mais escura da noite, deu à luz um menino, que foi chamado Zeus. Tomando o neto nos braços, Gaia o levou à ilha de Creta, no mar Egeu. Lá, ocultou-o em uma gruta no Monte Ida e o deixou aos cuidados da ninfa Adrasteia. Voltando à Élida, Reia entregou ao insaciável marido uma pedra envolta em panos. Sem pensar duas vezes, o senhor do tempo a engoliu, mas logo percebeu que havia sido enganado. E saiu pelo mundo, enfurecido, vasculhando continentes e oceanos em busca do bebê Zeus.

Mas o menino estava bem longe dos olhos famintos do pai. Adrasteia o alimentava com mel fresco e com o leite de Amalteia, uma cabra mansa e lanuda que vivia na caverna da ninfa, como mascote. Bem nutrido, o menino crescia rápido e, desde cedo, demonstrou seus poderes divinos. Quando a cabra Amalteia morreu, o jovem Zeus colocou-a no céu, entre as estrelas – onde ela se transformou na constelação de Capricórnio.

Mas, enfim, chegou a hora de Zeus abandonar as tranquilas encostas do Monte Ida. Adrasteia sempre lhe dissera que, ao crescer, ele deveria destronar o próprio pai. Agora, era chegado o tempo de acertar as contas. Antes de atacar Cronos, Zeus foi pedir conselhos à titânide Métis, deusa da astúcia, que vivia solitária junto às ondas do distante Rio Oceano, nos confins da Terra. Ninguém sabe ao certo por que a deusa da Astúcia resolveu ajudar o jovem deus rebelde – talvez estivesse cansada dos desmandos e devastações do senhor do tempo. Ao receber o sobrinho, deu-lhe um conselho: Zeus não deveria atacar o pai abertamente, mas sim oferecer-se como um simples servo, sem revelar sua identidade. Em seguida, Métis entregou ao sobrinho uma poção mágica, recomendando que pingasse algumas gotas na bebida do déspota.

Seguindo o plano, Zeus apresentou-se no palácio de Cronos como se fosse apenas um jovem buscando emprego. Naquela época, os titãs já haviam se multiplicado, e seus filhos e filhas eram muito numerosos – Cronos acreditou que aquele desconhecido fosse apenas mais um exemplar dessa imensa prole. Reia, contudo, reconheceu o filho na hora. Mas não revelou nada a ninguém – apenas sugeriu que Cronos colocasse o recém-chegado na função de copeiro do palácio, encarregado de encher taças com o néctar, a doce bebida dos deuses.

Nessa época, Cronos havia se tornado taciturno e cansado. Apesar de imortal, havia envelhecido: o tempo fizera mal ao

Em sua fortaleza no Monte Ótris, os titãs enfrentaram a rebelião de Zeus e seus irmãos. A grande guerra entre os deuses fez estremecer o céu, o mar e a terra.

Tempo. Certo dia, Zeus lhe estendeu a taça envenenada: junto ao néctar, estava a poção preparada pela Astúcia. Cronos bebeu distraidamente. Num instante, sentiu as vísceras se contorcerem. Uma convulsão horrenda tomou conta de seu corpo e ele vomitou todos os filhos que havia devorado. Graças às propriedades mágicas da bebida, os filhos de Cronos ressurgiram inteiros, ilesos e em forma adulta, como se jamais tivessem sido engolidos pelo pai. Atordoado e sem saber o que acontecera, Cronos ficou estático no chão, enquanto sua prole escapava do palácio, pronta para a vingança.

A VITÓRIA DE ZEUS

Zeus agora estava reunido com seus irmãos e irmãs. Como já acontecera anteriormente, o caçula foi escolhido líder. E a guerra entre as duas gerações de deuses teve início. Os titãs reuniram-se para defender seu império; Cronos, que estava desgastado demais para chefiar o combate, declarou seu sobrinho Atlas como comandante-em-chefe. O quartel-general dos titãs foi erguido no alto do Monte Ótris, na região central da Grécia – já os rebeldes fizeram sua base mais ao norte, no cume do Monte Olimpo, na Tessália. A partir daí, Zeus e seus partidários ficaram conhecidos como os olímpicos.

As batalhas entre as duas facções sacudiram o mundo. Os titãs eram mais brutais e violentos. Os olímpicos, mais organizados e astutos. Os combates se prolongaram por dez anos, e o resultado era sempre um empate. Para resolver o impasse, Zeus foi consultar sua avó, Gaia, que tinha o dom da clarividência. A Mãe Terra profetizou: Cronos só seria derrotado quando Zeus libertasse os ciclopes e os hecatônquiros, que estavam aprisionados nas profundezas do Tártaro.

Em segredo, o chefe dos olímpicos desceu ao abismo e enfrentou a horrenda Campe. Derrotado o monstro, Zeus libertou os seis filhos colossais da Terra e convenceu-os a ajudar na luta contra Cronos. Os ciclopes, que eram grandes ferreiros, presentearam os olímpicos com armas mágicas – entre elas, o relâmpago, que se tornou a arma predileta de Zeus. Liderados por ele, os gigantescos hecatônquiros marcharam contra o Monte Ótris, soltando urros terríveis. "O mar infinito gemia, a terra retumbava forte, o próprio céu estremecia sob os golpes dos imortais", escreveu Hesíodo na *Teogonia*. "O estrondo dos pés e a gritaria terrível dos assaltos brutais chegava até as profundezas, enquanto os imortais lançavam dardos sibilantes uns contra os outros". O relâmpago de Zeus incinerava as florestas nas encostas do monte e fazia ferver a água dos rios. E cada hecatônquiro lançava, num só instante, uma centena de pedregulhos contra as fileiras dos titãs.

A batalha estava vencida, e a era dos titãs havia acabado. O mundo então foi dividido entre os três irmãos olímpicos – Zeus, Poseidon e Hades. Cronos foi aprisionado junto com vários dos titãs nas cavernas subterrâneas – e os hecatônquiros Coto e Giges ficaram de guarda às portas do Tártaro. Já o hecatônquiro Briareu foi viver nas águas do Mar Mediterrâneo – sempre pronto a ajudar Zeus em caso de perigo. Em recompensa pela ajuda de Métis e Reia, as titânides foram poupadas e continuaram livres. Muitos descendentes dos titãs também receberam o perdão olímpico e passaram integrar a nova ordem mundial: caso de Hélios, o Sol, Selene, a Lua, e Éos, a Aurora, todos filhos dos titãs Hipérion e Teia. O grande Oceano, que se manteve neutro durante a guerra, também foi deixado em paz. Já Atlas, que foi comandante-em-chefe dos titãs na luta contra os deuses olímpicos, teve uma punição exemplar: de pé sobre uma montanha no norte da África, ele foi condenado a segurar para sempre, em cima dos ombros, todo o peso do céu.

Agora, o Olimpo finalmente governava o mundo. Mas ainda faltava surgir um ingrediente crucial na epopeia dos mitos gregos: o ser humano. ◘

© Adams Carvalho

Prometeu, o inventor da humanidade

O mais sábio dos titãs foi também o mais visionário. Criou o homem a partir do barro, presenteou-o com as artes e as ciências – e pagou caro por isso.

texto JOSÉ FRANCISCO BOTELHO

ilustração MIKE AZEVEDO

Após a queda dos titãs, a ordem voltou a imperar sobre a Terra. Em meio à paz, a vida pululava. No mar, cardumes brilhantes nadavam entre as ondas. Manadas de animais corriam pelas planícies ou escalavam os montes. Pássaros se equilibravam nas correntes de vento, no céu agora firmemente fixado lá em cima. Tudo parecia estar em seu lugar. Mesmo assim, Prometeu, o mais sonhador dos deuses, estava melancólico.

Prometeu era filho do titã Jápeto, e irmão do desventurado Atlas. Na impetuosa e violenta família dos titãs, Prometeu era o mais ponderado. Quando teve início a rebelião dos olímpicos, ele logo havia percebido para que lado as coisas estavam se inclinando. Sem hesitar, abandonou o próprio clã e se juntou aos rebeldes, convencendo seu irmão mais novo, Epimeteu, a fazer o mesmo. Após o triunfo olímpico, o sábio titã foi recompensado. Enquanto tantos de seus fami-

Prometeu criou o homem

MOLDANDO O BARRO ENTRE AS MÃOS. DEPOIS, ELE DEU OUTROS PRESENTES À HUMANIDADE: AS ARTES, AS CIÊNCIAS E O FOGO.

liares eram lançados no Tártaro, Prometeu e Epimeteu tiveram a permissão de seguir vivendo sobre a Terra, agora governada por Zeus.

Mas todos nós conhecemos esta sensação: nas aparências, tudo está bem, mas alguma coisa essencial parece estar faltando. Era assim que o visionário Prometeu se sentia em suas andanças pelo mundo. Sem saber exatamente o que planejava fazer, sentou-se certa vez nas colinas da região grega de Fócia. Apanhou um punhado de terra, misturou um pouco da água de um córrego e começou a moldar o barro.

Abrindo as mãos, Prometeu contemplou sua obra: uma figura feita à imagem de um deus, porém mais modesta e frágil. Ficou encantado com a beleza singela de sua própria criação e resolveu fazer várias réplicas. Ao fim do dia, uma pequena legião de estatuetas de barro estava enfileirada ao seu redor. Prometeu sentiu-se tão encantando por seus pequenos novos companheiros que os presenteou com a vida. Os mitos não explicam como ele conseguiu esse prodígio. O fato é que a argila foi se transformando em carne, pele e osso – e os homens recém-criados começaram a olhar o mundo ao seu redor. "Enquanto os outros animais andavam a quatro patas, com o rosto voltado para o chão, o ser humano foi criado para manter a cabeça erguida, observando o céu majestoso e as estrelas brilhantes lá em cima. E a Terra mais uma vez mudava, perante a desconhecida forma da humanidade", escreveu o romano Ovídio no poema *As Metamorfoses*. Mas lembre: Prometeu criou apenas os homens. As mulheres viriam depois.

O ROUBO DO FOGO

Embora vivos e dotados de espírito, os humanos continuavam paralisados, como se um medo terrível os petrificasse. Isso acontecia porque, ao criá-los, Prometeu havia lhes dado também o dom de ver o futuro, comum entre alguns titãs. E, como eram mortais, os humanos não cessavam de ver mentalmente a hora de suas próprias mortes. Para livrá-los desse medo, Prometeu apagou o dom da profecia e os homens passaram a viver em uma abençoada ignorância. Apenas alguns deles, os profetas e videntes, preservaram o dom de ver o futuro.

Mesmo livres do império do medo, os homens ainda careciam de conhecimento. "Tinham olhos para ver, mas não tiravam proveito do que viam; tinham ouvidos, mas não compreendiam os sons; como vultos em um sonho, ao longo dos dias, andavam sem propósito em total confusão. E viviam no fundo do solo, em cavernas escuras, como bandos de formigas", escreveu o dramaturgo grego Ésquilo na tragédia *Prometeu Acorrentado*, do século 5 a.C. Sentado à beira-mar, Prometeu ensinou aos homens os mistérios da astronomia. Levou-os às profundezas da floresta e ensinou quais plantas podiam ser comidas, e quais animais podiam ser domesticados. Instruiu-os na cura de muitas doenças e ensinou-os a tirar da terra os metais necessários para construir ferramentas. Também presen-

teou a humanidade com os números e as letras. Agora, os homens podiam escrever histórias, fazer cálculos e registrar o passado. O homem começava a entender o mundo, e estava quase pronto para dominá-lo.

No alto do Olimpo, Zeus observava a criação de Prometeu. E gostava cada vez menos do que estava vendo. Por algum motivo obscuro, o senhor dos deuses sentiu uma antipatia imediata pela humanidade. Político ardiloso, talvez temesse naqueles seres aparentemente modestos um competidor à altura dos deuses. Era preciso impedir que os homens se tornassem demasiado atrevidos. O senhor do Olimpo sabia que só faltava uma coisa para que os filhos de Prometeu dominassem a superfície da Terra: o segredo do fogo. Por isso, proibiu que uma única fagulha fosse colocada nas mãos da humanidade.

Mas Prometeu não lhe deu ouvidos. Agora, o titã se arrependia do apoio que dera aos olímpicos: os desmandos de Zeus o repugnavam. Decidiu tornar os homens tão engenhosos que eles haveriam de ser semelhantes aos deuses.

Certa madrugada, em segredo, Prometeu subiu sorrateiramente as encostas do Olimpo. Esperou que Hélios, o deus do

A urna de Pandora

A vingança divina veio em forma de mulher

Para ludibriar os filhos de Prometeu, Zeus ordenou que o ferreiro Hefesto forjasse uma criatura capaz de enlouquecer e transtornar os homens. Assim, Hefesto criou a primeira mulher. Seu nome era Pandora. De todas as mulheres que vieram depois, somente a grande Helena de Troia rivalizaria com ela em beleza. Além de atributos físicos, os deuses olímpicos a presentearam com um cérebro aguçado. Hermes lhe deu a eloquência e o dom de seduzir com palavras. Afrodite lhe conferiu o charme encantador, mas também a habilidade de atormentar a alma dos homens. "Nos mitos gregos, a primeira mulher era considerada um belo mal, ou uma beleza maligna, fadada a trazer desgraças", explica o historiador Anderson Zalewsky, da UFRGS.

Mas uma coisa seja dita em defesa de Pandora: ela não sabia que fora criada para fazer o mal. Era um instrumento involuntário da vingança divina. Sem revelar mais nada, Zeus lhe ordenou que descesse à Terra e se oferecesse como esposa a Epimeteu. Em seguida, colocou entre as mãos da beldade uma urna fechada com cera. Disse que aquele era um presente de casamento, e que Pandora devia levá-lo a seu futuro marido. Epimeteu ficou deslumbrado pela beleza da primeira mulher, e casou-se com ela. Das mãos da esposa, recebeu o presente de Zeus, e abriu-o sem suspeitar de nada. Assim, o destino da raça humana foi selado. Pois ali dentro, Zeus havia guardado todos os males e as misérias destinadas a assolar os mortais pelos séculos seguintes: a Velhice, a Doença, a Insanidade, o Vício e muitos outros. As desgraças saíram voando em um enxame, zunindo, picando Epimeteu e Pandora em todo o corpo, e depois se espalharam pela Terra.

No alto do Olimpo, Zeus sorriu. Seu plano funcionara. Agora, todas as conquistas dos humanos se voltariam contra eles. O fogo seria usado para incendiar e torturar. O ferro forjaria espadas e lanças, com as quais os homens matariam uns aos outros. A inteligência humana, presente de Prometeu, seria usada não só para construir, mas também para destruir. Haveria guerras intermináveis. A fome e a doença assolariam o mundo. Os homens, cercados de desgraças por todos os lados, voltariam os olhos aos deuses em busca de proteção. E, em vez de desafiar o senhor do Olimpo, passariam a adorá-lo e a oferecer sacrifícios. No meio das desgraças, nascia a religião.

Mas Zeus havia cometido um descuido. Ao encerrar todas as misérias humanas na Urna de Pandora, ele também havia colocado ali dentro um espírito ambíguo, de aparência frágil, mas muito poderoso: a Esperança.

Depois que a revoada maligna se espalhou pelo mundo, a Esperança saiu em passos tímidos da Urna, arrepiou as pequenas asas e alçou voo.

E é por isso que, apesar de todas as misérias enviadas por Zeus, os humanos bem ou mal continuam sua jornada até hoje.

© Adams Carvalho

Prometeu foi punido cruelmente por seu amor à humanidade: todos os dias, uma águia descia dos céus e devorava seu fígado.

Sol, surgisse no horizonte, conduzindo sua carruagem de chamas. Quando o carro do Sol estava passando perto do cume do Olimpo, Prometeu acendeu uma tocha em seu calor. Depois, desceu o monte e levou aos humanos o mais revolucionário de todos os segredos. Agora, a humanidade podia moldar os metais em ferramentas e utensílios. Podia criar vasos para carregar água; podia cozinhar e assar sua comida. E podia aquecer-se à beira das chamas quando as neves do inverno cobrissem o mundo.

Houve festa entre os mortais. Grandes fogueiras foram acesas nos campos e nos montes, e os homens dançaram ao seu redor até o cair da noite. Mas do alto Olimpo os olhos vingativos de Zeus viram os reflexos das chamas. Na obra *Os Trabalhos e os Dias*, escrita no século 8 a.C., o poeta Hesíodo relata o juramento de vingança pronunciado por Zeus contra o titã rebelde: "Filho de Jápeto, que ultrapassa a todos em astúcia, você está feliz por ter-me enganado. Mas o seu presente será uma grande praga para a humanidade. Em troca do fogo, darei aos homens um mal que vai seduzi-los, e que eles acolherão com alegria, sem saber que abraçam sua própria destruição".

PROMETEU ACORRENTADO

A terrível vingança de Zeus veio em forma feminina. Os deuses do Olimpo criaram a primeira mulher, Pandora, e a enviaram aos homens, levando todas as desgraças que assolariam a humanidade (*leia mais na página 19*). Horrorizado, Prometeu viu sua obra mergulhar na ruína. Incêndios se espalharam por cidades e plantações. E os homens usaram as artes de Prometeu para matar e escravizar uns aos outros.

Zeus, contudo, ainda não havia saciado sua sede de vingança. Convocou Cratos e Bia, dois seres alados, de força colossal, que serviam como guardas no Olimpo. Os capangas divinos aprisionaram Prometeu e, com a ajuda do ferreiro Hefesto, acorrentaram-no no alto do monte Cáucaso, na fria e ventosa região da Cítia. Lá, o benfeitor da raça humana sofreria a mais proverbial e terrível de todas as punições.

Todos os dias, quando o Sol despontava atrás dos penhascos pontudos, uma enorme sombra surgia batendo asas contra o céu da manhã. A águia, enorme, faminta e monstruosa, pousava sobre o corpo nu de Prometeu. E cravava o bico e as garras em seu ventre. Por horas e horas, ela rasgava as carnes do prisioneiro e devorava seu fígado, bicada por bicada. Ao pôr do

O dilúvio

A ira divina quase destruiu a humanidade

Após a abertura da Urna de Pandora, os crimes cometidos pelos homens mancharam a Terra de sangue. Enojado, o senhor do Olimpo decidiu eliminar a humanidade.

O profético Prometeu adivinhou as intenções do rei dos deuses. Antes de ser aprisionado, o titã tivera um filho, o sábio Deucalião, rei da ilha de Ftia. De tempos em tempos, o piedoso Deucalião viajava até o Cáucaso para consolar seu pobre pai. Numa dessas visitas, Prometeu alertou-o: "Meu filho, volte já para casa e construa uma grande arca. Coloque lá dentro tudo o que você possui".

Deucalião fez tudo o que o pai aconselhara. Dentro da arca, refugiou-se com sua esposa Pirra, filha de Epimeteu e Pandora. O vento começou a soprar e uma chuva torrencial desabou. Os rios incharam e os mares engoliram os continentes. Só os picos dos montes ficaram fora da água. Após navegar por nove dias e nove noites, o barco de Deucalião aportou no cume do monte Parnasso.

Ao desembarcarem, Deucalião e Pirra ofereceram um sacrifício a Zeus. Amolecido pela homenagem, o deus supremo não apenas permitiu que os dois vivessem, como resolveu conceder-lhes uma dádiva. "Peça-me qualquer favor, e eu o concederei", disse. "Quero repovoar a Terra", respondeu Deucalião. "Nesse caso", ordenou Zeus, "que Deucalião e Pirra apanhem os ossos de sua mãe e os joguem por cima dos ombros".

O sábio Deucalião compreendeu a dica enigmática de Zeus: a Terra é a mãe comum de todos, e seus ossos são as pedras. O casal apanhou pedregulhos do chão e atirou-os para trás. As rochas lançadas por Deucalião se transformaram em homens, e as lançadas por Pirra se converteram em mulheres. Uma nova humanidade logo se espalhou pela Terra. Mais tarde, Deucalião e Pirra tiveram um filho chamado Heleno – ancestral de todos os gregos.

sol, o pássaro ia embora. Ensanguentado e preso ao rochedo, Prometeu ficava exposto às neves e ao vento. Enquanto o resto do corpo tremia, o fígado estraçalhado se regenerava. E, tão logo vinha a próxima manhã, recomeçava o suplício. "Como sou miserável!", lamenta-se Prometeu, na obra de Ésquilo. "Eu, que inventei tantas artes para a raça humana, não tenho habilidade necessária para me libertar do meu próprio sofrimento!"

Por anos, a tortura continuou. Em meio a tanta dor, contudo, Prometeu jamais pediu desculpas. E não cessou de bradar seu desprezo contra Zeus. O senhor do Olimpo escutou, impassível, as ofensas que seu prisioneiro lançava. Mas, de acordo com Ésquilo, Zeus acabou ficando com uma pulga atrás da orelha, ao escutar estas palavras do titã acorrentado: "Por mais que me aprisione e me torture, o governante dos céus um dia precisará de minha ajuda. Pois eu conheço um segredo terrível: eu, e apenas eu, sei quem está destinado a derrubar Zeus de seu alto trono. E só vou revelar o segredo quando for solto destas correntes e quando meu suplício acabar."

As palavras plantaram a insegurança no coração olímpico. Zeus recordou seu próprio pai, Cronos – e também seu avô, Urano. E temeu ter o mesmo destino que seus ancestrais destronados. "Nos mitos gregos, Zeus era considerado um ser de sabedoria imensa. No entanto, seu conhecimento não era perfeito, nem absoluto. E a prova disso é que foi chantageado por Prometeu", explica o historiador Francisco Marshall, especialista em cultura grega e professor da UFRGS.

Por fim, a curiosidade e o medo se mostraram mais fortes que o rancor. E Zeus ordenou que Héracles, o maior dos heróis gregos, como você verá na matéria da página 42, acabasse com o terrível martírio de Prometeu.

Certa manhã, quando a águia faminta ia descendo sobre o corpo do titã, uma flecha zuniu no espaço. O pássaro da dor tombou sobre o rochedo. E, logo, mãos fortes romperam as correntes forjadas por Hefesto. Prometeu respirou num alívio indescritível após 30 anos de sofrimento. Em seguida, segurou a mão que Héracles lhe estendia. Enquanto o Sol surgia sobre o Cáucaso, o mais poderoso dos homens ajudou o criador da raça humana a caminhar para a liberdade.

Quanto ao grande segredo que Prometeu revelou a Zeus, você vai conhecê-lo nas próximas páginas. ◘

© Adams Carvalho

Irmãos divinos

Após a queda dos titãs, o governo do mundo foi dividido entre Zeus e seus irmãos, Poseidon e Hades. O domínio supremo ficou com Zeus, mas seu reinado não foi nada tranquilo.

texto JOSÉ FRANCISCO BOTELHO

ilustração MIKE AZEVEDO

Para alguns, Zeus, o senhor dos deuses, era o símbolo da ordem, da disciplina e da civilização. Para outros, era um tirano ciumento e vingativo (*como você viu na reportagem anterior*). Contudo, seu papel no universo da mitologia grega era muito diferente daquele exercido pelo Deus cristão. Embora fosse o governante supremo, nem tudo o que ocorria no Universo era controlado por Zeus. E vastas porções do mundo eram governadas por seus dois irmãos: Poseidon (em latim, Netuno), de gênio explosivo, e o taciturno Hades (Plutão, entre os romanos), que raramente falava, jamais chorava e nunca sorria.

A divisão do mundo entre os três irmãos divinos ocorreu logo após a queda dos titãs, quando os campos ainda fumegavam pelas terríveis batalhas na guerra dos deuses. Tudo foi decidido na sorte: dados foram balançados dentro de um capacete, sendo que cada resultado cor-

Para seduzir a princesa Europa, filha do rei Agenor da Fenícia, Zeus assumiu a forma de um touro branco, saído das ondas do mar.

respondia a uma região do planeta. Os dados decidiram que Zeus governaria os céus. Por isso, ele passou a coordenar os fenômenos meteorológicos, como as chuvas e as tempestades. Entre os poetas gregos, ele era chamado "Aquele que junta as nuvens", "O que envia as chuvas" e "O que lança o relâmpago". Poseidon se tornou o senhor dos mares. E a Hades coube a parte mais sombria: as temidas regiões subterrâneas. Já a superfície dos continentes seria comum a todos os deuses. Lá, muitas vezes, os olímpicos disputariam entre si o domínio de povos, cidades e países. "Cada deus era muito ciumento em relação a suas atribuições – e, ao mesmo tempo, desejava invadir o território dos outros", explica o historiador Anderson Zalewsky Vargas, especialista em Antiguidade clássica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). "Por isso, há um permanente conflito entre as divindades. Aliás, em todas as religiões pagãs, os deuses são rivais entre si, uma projeção das características e disputas dos próprios seres humanos".

ZEUS, O MANDA-CHUVA

Embora fosse fruto do acaso, a divisão do mundo entre os três irmãos foi bem apropriada: o temperamento de cada deus combinava perfeitamente com a província que lhe coube. Quando não estava presidindo as assembleias de deuses no Olimpo, Zeus gostava de passar o tempo entre as nuvens, observando a terra lá embaixo. Tinha olhar apurado não apenas para detectar desordens em seu reino, mas também para localizar a beleza das formas femininas. Logo após subir ao trono,

Os amores de Zeus

O senhor dos deuses não tinha vocação para a monogamia

Zeus teve um imenso catálogo de amantes entre mortais e imortais. Boa parte da família olímpica, por sinal, era formada por filhos de Zeus fora do casamento (*como você verá nas próximas páginas*). Quando desejava possuir as belas formas de uma mortal, Zeus adotava disfarces: olhos humanos não podiam contemplar os deuses em sua forma real. Para se unir à princesa Europa – filha de Agenor, rei da Fenícia –, ele assumiu a forma de um touro branco. O animal era belo e parecia manso. Destemida, Europa saltou sobre seu dorso. O touro disparou, correndo sobre as ondas do mar, e levou Europa até a ilha de Creta. Lá, a mulher e o touro se amaram. Os filhos da união foram os heróis Sárpedon, Radamanto e Minos – esse, mais tarde, tornou-se o mais famoso rei de Creta.

Para possuir Dânae, filha do rei Acrísio de Argos, Zeus assumiu a forma de uma chuva de ouro. Segundo uma profecia, Acrísio estava fadado a ser morto por seu próprio neto. Por isso, trancafiou a filha virgem em uma torre de metal. Mas isso não deteve o deus apaixonado. Transformado em gotas reluzentes, ele entrou pelas grades da cela. A chuva dourada escorreu pelas coxas de Dânae. Nove meses depois, nascia o herói Perseu.

Outra amante famosa foi Leda, esposa do rei Tíndaro de Esparta. Ela se banhava sozinha nas águas do Rio Eurotas quando um cisne subitamente a envolveu com as asas sedosas. A rainha de Esparta não resistiu, rendendo-se ao avanço do pássaro fogoso. Naquela mesma noite, Leda também se entregou ao marido Tíndaro. No devido tempo, deu à luz quatro gêmeos: Helena e Pólux, filhos de Zeus, e Clitemnestra e Cástor, filhos de Tíndaro. Helena, a mais bela mulher a pisar sobre a Terra, foi o estopim da Guerra de Troia.

Zeus era um sedutor insaciável.

ELE JAMAIS FOI FIEL A HERA, SUA ESPOSA. ASSUMINDO FORMAS VARIADAS, TEVE MUITOS E MUITOS CASOS COM MORTAIS, NINFAS E OUTRAS DEUSAS.

Zeus casou-se com sua própria irmã, Hera (ou Juno, entre os romanos), mas suas infidelidades foram inúmeras, seja com outras deusas e ninfas ou com mortais.

O reinado de Zeus nem sempre foi tranquilo: mais de uma vez, ele quase perdeu o trono. "Zeus era superior a todos os outros e tinha posição parecida à de um rei na terra, mas isso não significa que não pudesse ser desafiado ou enganado", explica Zalewsky. Sua própria família, a propósito, tentou derrubá-lo (*como você verá na página 27*).

Mas o maior risco ao império do manda-chuva veio de sua própria luxúria. Certo dia, sentado em seu trono no Olimpo, o senhor dos deuses olhou para a vastidão do mar e avistou uma linda figura que acabava de emergir das águas. Era Tétis, uma das Nereidas – as ninfas do Mar Mediterrâneo, filhas de Nereu, o Velho do Mar. Zeus se apaixonou na hora. Passou a cortejá-la e descobriu que a paixão era mútua.

Mas antes que o deus consumasse o novo amor, recebeu um recado urgente trazido por Hermes. O mensageiro dos deuses chegou voando, com pressa, ao salão do Olimpo. Ele portava uma mensagem de Prometeu, que acabara de ser libertado por Héracles. Conforme o combinado, Prometeu havia revelado finalmente o segredo guardado há tantas décadas. Hermes repetiu aos ouvidos de Zeus as palavras proféticas do titã:

"Aquele que possuir a bela Tétis terá com ela um filho mais poderoso que o próprio pai".

Zeus compreendeu na hora o aviso: se acaso tivesse um filho com a nereida, o senhor do Olimpo seria destronado por ele. A única coisa que Zeus amava mais do que sexo era o poder. Resistiu à tentação, portanto, e não caiu nos braços da ninfa das águas. Tempos depois, Tétis casaria com um mortal – Peleu, soberano da ilha de Ftia. A nereida estava mesmo destinada a ter um filho poderoso: o fruto de sua união com Peleu foi um menino chamado Aquiles, um dos heróis mais formidáveis e terríveis a pisar nas terras da mitologia.

O EXPLOSIVO SENHOR DAS ÁGUAS

Agora, o senhor do Olimpo estava seguro em seu trono. Mas isso não agradava a todos. Um dos que mais se ressentiam do poder supremo de Zeus era seu irmão mais velho, Poseidon – que sempre desejou ser o chefe dos deuses. Em vez disso, teve de se contentar com o domínio dos mares. O temperamento tempestuoso de Poseidon, por sinal, tinha tudo a ver com o reino que governava. Dado a grandes surtos de fúria, ele podia tanto afundar navios sob as ondas quanto inundar cidades inteiras. Empunhava sempre um grande tridente, presente dos ciclopes, que lhe dava o poder de abalar não só os mares, mas também a terra. Além dos oceanos, regia as águas correntes e os lagos. Sua força, portanto, estendia-se para dentro dos continentes. Quando ir-

© Adams Carvalho

ritado, podia causar terremotos – por isso era um dos deuses mais temidos na Grécia, região de constantes abalos sísmicos. Quando a terra começava a tremer, os gregos logo se punham a cantar hinos para acalmar a irritável divindade. Se Zeus representava a ordem e a estabilidade, os gregos relacionavam Poseidon a todas as coisas que se agitam e se convulsionam. E quando um epiléptico tombava ao chão, contorcendo-se, os antigos gregos logo diziam: "Este homem está possuído por Poseidon".

Mas o deus temperamental também tinha momentos de calmaria ao lado da esposa, Anfitrite – outra bela nereida. Apenas ela sabia aplacar o gênio do marido. Ambos viviam em um palácio no fundo do mar, próximo ao litoral da Egeia, na Grécia central. Todos os dias, Poseidon e a rainha Anfitrite percorriam seus domínios em uma carruagem de ouro, puxada por cavalos brancos imortais, com crinas de ouro e cascos de bronze. Eram seguidos por um cortejo fabuloso de criaturas das águas, como delfins falantes e hipocampos.

À frente do séquito, ia sempre Tritão, que era filho de Poseidon e Anfitrite: metade homem, metade peixe. Para anunciar a passagem de Poseidon, Tritão soprava uma trombeta em forma de concha, cujo som retumbava sobre as águas. E quando a carruagem passava, todas as tempestades se acalmavam e as ondas abriam caminho, mansas e domadas. Em alguns momentos, ao longo dos passeios com Anfitrite, Poseidon até chegava a sorrir. Mas jamais tirava do pensamento seu próprio orgulho ferido, e o rancor pelo caçula a quem tinha de obedecer.

O SENHOR DO SUBMUNDO

De rosto, Hades era parecido com seus irmãos: tinha barbas encaracoladas e físico avantajado. Mas seu temperamento era muito mais sombrio. Vestia-se numa túnica vermelha e tinha o rosto pálido, desacostumado à luz do sol. Afinal de contas, ele era o senhor das profundezas e o rei das sombras. Seu domínio era o inferno, a escura região no interior da Terra, cheia de névoas e cercadas por rios terríveis. O inferno grego – também conhecido pelo nome de seu governante, Hades – ficava localizado entre a superfície da Terra e o infinito abismo do Tártaro. Um reino sombrio, onde os espíritos vagavam como zumbis.

Hades era um deus recluso e introvertido. Jamais comparecia às assembleias de deuses no Olimpo, e quase nunca deixava seu reino escuro. Aliás, ele raramente era visto mesmo nas profundezas de seus domínios. Dos ciclopes, havia ganhado um capacete mágico que o tornava invisível aos olhos de deuses, mortais e espíritos desencarnados.

Como senhor das profundezas, também dominava todos os

O tempestuoso Poseidon governava

OS MARES E OS TERREMOTOS. JÁ O TACITURNO HADES DOMINAVA O SOMBRIO REINO DOS MORTOS.

metais e pedras preciosas que abundavam nos subterrâneos. Por isso, também era conhecido como o "senhor das riquezas". Mas preferia as sombras opacas às joias brilhantes. Andava sempre silencioso, misturado às trevas, observando a quieta multidão de seus súditos, os fantasmas dos mortos. Hades jamais deixava que um espírito escapasse do inferno – por isso, era o deus mais odiado pelos mortais, e havia poucos templos em sua homenagem. Era a mais impiedosa das divindades olímpicas, e súplicas nunca o comoviam. Apenas uma única vez, em todas as histórias da mitologia grega, o coração de Hades foi tocado pela misericórdia (*mas isso é coisa que você vai descobrir lá adiante, na página 55*). Os gregos temiam até mesmo pronunciar seu nome, e o faziam apenas para rogar pragas e pedir vingança. Quando queriam invocá-lo, batiam no chão com as mãos ou com varas, ou então sacrificavam uma ovelha negra. E quando um grego queria demonstrar seu ódio a algum inimigo, desejando-lhe morte prematura, bastava dizer: "Que você mergulhe na funesta mansão de Hades." ◘

Poseidon, Apolo e Hera acorrentaram Zeus e riram em suas barbas. Mas a vingança não tardou.

© Adams Carvalho

Rebelião no Olimpo

O domínio de Zeus foi ameaçado por seus parentes mais próximos

Famílias poderosas facilmente se transformam em ninhos de intrigas. No Olimpo, não foi diferente. O mando supremo de Zeus era ressentido por vários de seus parentes. A começar por sua esposa, Hera, furiosa com as constantes infidelidades do marido. Poseidon, por sua vez, jamais se conformou com o domínio do irmão caçula. E Apolo, filho de Zeus e Leto, sempre se considerou o mais belo, inteligente e talentoso dos deuses – herdeiro natural ao trono olímpico. Os três se uniram em uma conspiração para destronar o senhor dos deuses – ou, ao menos, ensinar-lhe uma lição. Enquanto Zeus dormia, os conspiradores roubaram sua arma mágica, o relâmpago, e o amarraram ao divã onde estava deitado. O rei dos deuses urrou de indignação, mas os três conspiradores riram em suas barbas. Enquanto isso, contudo, a ninfa Tétis, que amava Zeus, correu até o Mar Mediterrâneo e invocou o nome de Briareu – o terrível gigante de cem braços que habitava as águas profundas. Briareu havia sido libertado por Zeus de uma prisão no Tártaro e, por isso, era fiel ao manda-chuva. Num turbilhão de água, o monstro leal subiu ao Olimpo. Apavorados, os conspiradores fugiram. Libertado, Zeus apanhou o relâmpago, reimpôs o respeito e tratou de punir os parentes traidores. Hera foi pendurada dos céus, de cabeça para baixo, com grilhões nos tornozelos. E Poseidon e Apolo foram condenados a uma humilhação à altura de seu desmedido orgulho: Zeus obrigou-os a trabalhar como escravos para um simples mortal, Laomedonte, rei de Troia. O rei ordenou que os deuses-escravos construíssem uma muralha em torno à sua cidade. Poseidon e Apolo puseram mãos à obra – e, assim, Troia ganhou muros erguidos por mãos divinas, que não podiam ser destruídos pelos mortais.

Zeus cancelou as punições apenas quando todos juraram jamais se rebelar novamente. Agora, a pequena guerra civil no Olimpo estava acabada. Mas o domínio de Zeus sofreu outro desafio: a rebelião dos gigantes, que você vai encontrar lá na matéria da página 38.

Rivais olímpicas

Além de serem belas, as deusas do Olimpo tinham vastos poderes. Não se esqueciam de recompensar quem as venerava. Mas sua vingança, quando ofendidas, era realmente mitológica.

texto JOSÉ FRANCISCO BOTELHO

ilustração MIKE AZEVEDO

O mundo foi dividido entre os três irmãos divinos – mas, na prática, muito do que acontecia entre deuses e mortais passava pelo poder das grandes deusas do Olimpo. "As divindades femininas tinham imensa autoridade no mundo antigo, pois todas, de certa forma, estavam ligadas à fertilidade da Terra, coisa essencial entre os gregos, cuja sociedade tinha grandes tradições agrárias", explica o historiador Francisco Marshall, especialista em Antiguidade clássica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E, assim como os deuses, as deusas eram muito zelosas de seus privilégios e de suas reputações. Eram generosas com os seguidores fiéis, mas se tornavam terríveis e mortíferas quando zangadas. Por sinal, foi uma rivalidade entre Hera, Palas Atena e Afrodite que desencadeou a maior e mais destrutiva guerra da mitologia grega (*como você vai ver daqui a algumas páginas*).

Hera, senhora do mundo e rainha

DO OLIMPO, ERA TAMBÉM A MAIS CONSERVADORA, CIUMENTA E FURIOSA DAS DEUSAS: NÃO TOLERAVA AS CONSTANTES PULADAS DE CERCA DE ZEUS.

A CIUMENTA SENHORA DO OLIMPO

No vasto salão do Olimpo, a rainha Hera (Juno, entre os romanos) sentava-se em um trono branco como as nuvens. Em sua cabeça, brilhava um diadema dourado. Ao seu lado, um pavão real movia suas plumas multicoloridas – esse pássaro altivo e algo arrogante era o símbolo da senhora dos deuses. Oficialmente, ela era a rainha de todo o mundo conhecido. Poderia usufruir de sua vidinha de rainha numa boa. Mas as intermináveis infidelidades do marido eram uma perturbação constante. Por isso, Hera ficou famosa como a mais ciumenta e vingativa das divindades. E também a mais conservadora: detestava adúlteros de todos os tipos e zelava sempre pela ordem e os bons costumes.

No início, o casamento entre Zeus e Hera foi feliz. Na ilha de Samos, eles passaram uma lua de mel que durou 300 anos. Mas Hera é tão recatada que, mesmo após séculos de casamento, continuou virgem. Não que eles não fizessem sexo. É que ela se banhava regularmente na fonte de Cânatos, na região da Náuplia, cujas águas tinham a propriedade de restabelecer a virgindade de qualquer mulher, fosse deusa ou mortal.

Zeus, portanto, tirava a virgindade da esposa sempre que dormiam juntos. Mas isso não era o bastante para o ardente senhor do Olimpo. As constantes traições de Zeus tornaram Hera uma deusa amarga e feroz. Perseguia cruelmente as amantes do marido. Uma delas foi a princesa Io, de Argos. Como punição por ter cedido aos desejos de Zeus, Hera a transformou em uma novilha branca e a condenou a vagar pelo mundo atormentada por um enxame de insetos.

A deusa também lançava desgraças sobre os rebentos ilegítimos do marido. Foi o que fez com Héracles, o filho favorito de Zeus, como você verá na página 55. Contudo, ela foi obrigada a aceitar no Olimpo alguns frutos da infidelidade do marido: os deuses Apolo, Ártemis, Hermes e Dioniso. Despeitada, Hera estava sempre discordando do esposo nas assembleias divinas. Era raro que um dia se passasse sem que o casal olímpico brigasse por algum motivo. Embora divindades supremas, Zeus e Hera tinham um matrimônio humano, demasiado humano.

PODEROSA AFRODITE

As ondas do mar roçavam as areias da ilha de Citera, no Mar Egeu. Soprando suavemente as águas, o vento oeste – chamado Zéfiro, em grego – empurrou até as praias uma grande concha, vinda de alto mar. Dentro dela, navegava Afrodite, que os gregos chamavam de "a Dourada", por conta de seus cabelos louros e cacheados – entre os romanos, conhecida como Vênus. Foi a mais bela de todas as deusas da mitologia (entre as mortais, a mais linda foi Helena, filha de Zeus e Leda). Afrodite havia nascido, solitária e deslumbrante, no meio do oceano. Erguera-se da espuma do mar. Alguns gregos acreditavam que ela não tinha pai, nem mãe: surgira do nada, simplesmente, para encher o mundo de desejo. Outros diziam que ela nascera do esperma de Urano, o Céu Estrelado (quando Urano foi castrado por seu filho Cronos, seus testículos despencaram no mar, como você viu na página 9). Seja como for, Afrodite, recém-nascida, navegou em uma concha até a ilha mais próxima. Descendo de seu barco improvisado, caminhou pela areia, com os

cachos gotejantes de água salgada, enquanto tufos de grama e de flores nasciam sob seus pés.

Tudo isso aconteceu antes que Zeus e seus irmãos nascessem – logo, Afrodite era a mais antiga divindade do Olimpo. Porém, jamais perdeu a aparência jovem. E, por toda a eternidade, teve sempre o comportamento impulsivo de uma adolescente. Afrodite não era simplesmente a deusa do amor. Era a deusa do amor sexual, o amor físico. Vivia apenas para o prazer.

Por questões de política olímpica, que você entenderá melhor nas próximas páginas, a mais bela das deusas casou-se com o deus mais feio: Hefesto. Mas o coração da bela pertencia ao brutal e sanguinolento Ares, deus da guerra. O resultado desse triângulo: Hefesto flagrou, e ridicularizou, o casal.

A SÁBIA DEUSA DO COMBATE

O dia não tinha nuvens, mas o céu estava escuro: as flechas dos inimigos cobriam o Sol. Os gregos desesperavam-se – os inimigos eram inumeráveis, e a batalha parecia perdida. Mas, de repente, um vulto passou voando sobre as cabeças dos soldados. Era um pássaro de olhos imensos e brilhantes: uma coruja. Imediatamente, um grito de triunfo e coragem se espalhou pelo exército. E os gregos, antes acovardados, agora se lançaram à luta com ardor duplicado. Cenas como essa se repetiram várias vezes, nos mitos e na história. Na *Ilíada*, o voo de uma coruja ►

Era Deméter que dava à terra a energia para florescer. Quando irritada, ela podia destruir colheitas e matar todos de fome.

Deméter

A grande deusa da fertilidade e das estações

Irmã mais velha de Zeus, Deméter era uma mulher esplendorosa: seios fartos, quadris volumosos e longos cabelos dourados como espigas de trigo. A aparência era um símbolo de sua função divina: era a deusa das colheitas e da agricultura. Nos primórdios da Grécia, todas as deusas eram símbolos da fertilidade da terra – mas, com o tempo, esses atributos se concentraram na figura viçosa de Deméter (conhecida como Ceres em Roma). Era ela quem espalhava a energia nos sulcos do solo, fazendo com que as sementes germinassem. Por isso, sempre que chegava o tempo das colheitas, os gregos faziam preces a ela.

Zeus foi seduzido pelo encanto exuberante da irmã mais velha. Sua única noite de amor teve um fruto luminoso: a menina Perséfone, a quem Deméter amava mais que a si mesma. Feliz na companhia da filha, Deméter espalhou pelo mundo uma eterna primavera. Mas a beleza primaveril de Perséfone despertou o sombrio desejo de Hades. Certo dia, Perséfone brincava em um campo florido, quando uma fenda subitamente se abriu na terra. Em meio à fumaça, surgiu a carruagem de Hades, puxada por dois cavalos negros. Perséfone não teve tempo de fugir. O mais temido dos deuses agarrou-a e arrastou-a para o mundo dos mortos.

Destroçada pela perda, Deméter envelheceu subitamente. Seus cabelos se tornaram grisalhos e sua pele murchou. No solo, as sementes não vingavam. A terra se tornou estéril. E Deméter jurou que abandonaria o mundo inteiro à fome, a menos que tivesse a filha de volta. Os humanos agora morriam à míngua nos campos desolados.

Zeus interveio: ordenou que o senhor dos mortos devolvesse Perséfone à luz do mundo. Hades concordou – aparentemente. Ao despedir-se de Perséfone, ofereceu-lhe uma singela romã. "Coma essa fruta doce, para lembrar que não sou um companheiro tão amargo", disse. Perséfone mordiscou apenas sete sementes da romã, sem saber de uma antiga lei que vigorava entre os deuses: todo aquele que comesse algo no mundo dos mortos era obrigado a passar parte do ano nas profundezas.

Por isso, durante alguns meses, Perséfone passou a viver nos subterrâneos, como rainha dos mortos. No resto do tempo, vivia com a mãe. E é por isso que o solo permanece morto durante os meses de inverno – mas volta a verdejar e frutificar quando Deméter reencontra sua filha à luz do Sol.

© Adams Carvalho

Ártemis

Quando os gregos entravam em um bosque virgem ou escalavam a encosta de uma montanha, jamais se esqueciam de fazer uma prece a Ártemis (Diana, entre os romanos), também chamada "a senhora dos animais ferozes" e "a disparadora de flechas". Filha de Zeus e da ninfa Leto, era irmã e amiga de Apolo. A mira infalível era uma característica partilhada pelos irmãos. Mas, se Apolo era vaidoso, Ártemis era reservada. Protetora das florestas e das feras, ela passava seu tempo percorrendo os recantos selvagens da Grécia, longe de deuses e mortais. Quando criança, Ártemis havia pedido ao seu pai, Zeus, o domínio sobre bosques, montanhas e rios. Zeus realizou seu pedido, e lhe deu de presente um arco de prata e flechas que jamais erravam o alvo – tudo forjado pelos ciclopes. A partir de então, Ártemis viveu a percorrer seus domínios em uma carruagem dourada, puxada por duas corças. Embora protegesse os recantos naturais, Ártemis amava caçar. O paradoxo se explica facilmente: a caça, na antiga Grécia, não era predatória. Caçava-se apenas o necessário para a subsistência. Os antigos gregos tinham leis religiosas que protegiam locais selvagens como bosques e lagos. Como Palas Atena, Ártemis era uma deusa virgem. Não queria nada com homens. E sua nudez era sagrada. Certa vez, um caçador chamado Actéon avistou, por acaso, a deusa se banhando nua em um córrego. Enfurecida, Ártemis o transformou em um cervo – e Ácteon foi feito em pedaços por seus próprios cães de caça.

era o suficiente para atiçar o ânimo dos gregos contra os troianos. Nas batalhas históricas de Maratona e Salamina (travadas contra os persas, no século 5 a.C.), aparições da ave de rapina foram vistas como prenúncios da vitória grega. Tudo isso porque a coruja, com seu olhar penetrante, ao mesmo tempo sábio e perigoso, é o símbolo de Palas Atena (entre os romanos, Minerva) – deusa do combate, da sabedoria e grande protetora dos guerreiros e dos heróis.

Palas Atena teve um dos nascimentos mais inusitados da mitologia grega. Certo dia, Zeus acordou assolado por uma horrenda dor de cabeça. As têmporas latejavam e o deus gritava a plenos pulmões, com as mãos apertando os cabelos. Quase enlouquecido, pediu que Hefestos, o ferreiro do Olimpo, abrisse seu crânio com um golpe de martelo. Hefestos obedeceu. E do sangue que jorrou da cabeça de Zeus, ergueu-se de repente uma figura de terrível elegância: uma jovem de olhos cinzentos e brilhantes, armada de lança e escudo, e usando uma armadura fulgurante. Aquela visão foi tão impressionante que todos os deuses ficaram em silêncio, assombrados. O Olimpo estremeceu e as ondas do mar rugiram. Todos sabiam que um ser imensamente poderoso havia surgido.

Embora tivesse nascido armada, Palas Atena não amava a violência, nem tinha prazer em guerrear. Sempre que necessário, usava sua lança com perícia insuperável. Mas, quando possível, preferia resolver as coisas usando a razão. Por isso, foi a inimiga mais amarga de seu meio-irmão, Ares, o brutal e desvairado deus da guerra, que pensava apenas em derramar sangue e promover carnificinas. Se Ares era o deus da fúria assassina, Atena era a protetora dos estrategistas e dos sábios.

Preferia construir em vez de destruir, e criou muitas das invenções que serviriam ao dia a dia dos mortais, como as artes de cozinhar e costurar, o arado, as carruagens e os navios.

Muitos deuses e mortais gostariam de ter Atena como esposa – ou amante. Afinal, ela era não apenas belíssima, como também dona da mais brilhante inteligência do Olimpo. Mas Atena não quis saber de ninguém. Seu relacionamento com os mortais era baseado na amizade e no aconselhamento. E também não se rendeu às cantadas de nenhum deus.

Apesar de seu temperamento generoso e sensato, houve uma vez em que Atena se rendeu à fúria. Embora solteira e eternamente virgem, ela era vaidosa de seus dotes físicos, como todas as deusas gregas. A fúria de Atena sobreveio após uma competição de beleza, disputada com as rivais Afrodite e Hera – e a vingança de uma deusa despeitada é sempre terrível, como você verá em breve.

O JULGAMENTO DE PÁRIS

O mais famoso festim da mitologia grega foi o casamento entre o mortal Peleu, rei da ilha de Egina, e Tétis – a mesma ninfa que ajudou Zeus durante a rebelião no Olimpo, como você viu na página 27. A celebração ocorreu nos prados da Tessália, à sombra do Monte Pélion. Todos os grandes reis da Grécia foram convidados. E também todos os deuses – ou quase todos. A deusa Éris (ou Discórdia, para os romanos) ficou fora da lista. Era uma divindade desagradável, mas necessária: sua função era espalhar as disputas e os conflitos, sem os quais a vida de deuses e mortais ficaria estagnada.

Éris não perdoou a afronta – ela jamais perdoava nada nem ninguém. A sinistra divindade planejou plantar o desentendimento entre os convivas que se divertiam nos campos da Tessália. Apanhou uma maçã dourada e escreveu, na casca, as palavras fatais: "À mais bela". Depois, deixou o pomo da discórdia rolar até a mesa onde estavam os olímpicos. Hera, Afrodite e Palas Atena cravaram os olhos na fruta e na inscrição. Sempre houvera uma discreta rivalidade entre as três. Agora, o duelo era aberto. "Qual de nós merece o prêmio?", perguntaram, ao mesmo tempo, a Zeus – e havia ameaça na voz de cada uma delas. Sem querer se comprometer, o senhor do Olimpo deu de ombros. "Sou suspeito para julgar. Melhor encontrar um árbitro fora de nossa família".

O juiz escolhido foi um jovem pastor que vivia nas encostas de um monte, na atual Turquia. Era Páris, filho de Príamo, rei de Troia. Embora ainda fosse um adolescente, ele já havia seduzido inúmeras mulheres e ninfas. Era, portanto, um especialista na beleza feminina. Por isso, as três deusas se transportaram ao monte onde Páris cuidava das ovelhas. Surgiram em todo seu esplendor aos olhos do rapaz e exigiram que ele julgasse qual das três era a mais bonita.

A princípio, Páris não soube responder. Vendo que o senso estético do garoto estava ofuscado por tanta beleza, as deusas recorreram ao suborno. Palas Atena prometeu tornar Páris o homem mais sábio do mundo, se a escolhesse. Hera garantiu-lhe o domínio sobre todos os reinos da Europa e da Ásia. Mas Afrodite fez a oferta mais tentadora:

"Se me escolher, eu lhe darei o amor de Helena, a mulher mais bela que já existiu ou que vai existir no mundo".

Páris, o mulherengo, não teve dúvidas. Escolheu Afrodite. Assim ganhou o eterno favorecimento da deusa do amor, mas também o ódio de Hera e Palas Atena. A duas deusas juraram, silenciosamente, destruir Páris e sua família – e transformar em brasas e cinzas a grande cidade de Troia.

O resultado dessa vingança você encontrará na página 60.

Héstia

A única deusa olímpica que jamais se envolveu em intrigas ou disputas foi a pacata e benevolente Héstia (entre os romanos, Vesta). Era uma deusa modesta e reservada: andava sempre com um véu cobrindo os cabelos, e sua principal função era manter aceso o fogo nas lareiras e tochas do Olimpo. Jamais se rendeu ao desejo físico. Tanto Poseidon quanto Apolo a pediram em casamento, mas Héstia jurou que ficaria virgem por toda a eternidade. Os gregos e os romanos a veneravam como deusa do lar, da família e da paz doméstica. Além disso, foi a inventora da arte de construir casas, tornando-se a padroeira da arquitetura.

© Adams Carvalho

O deus que fere de longe

Com múltiplos papéis e funções, Apolo, o filho de Zeus, enfrentava perigos com flechas infalíveis e celebrava suas vitórias com a mais melodiosa das liras. Mas ele também tinha um lado sombrio.

texto ANDREAS MÜLLER e JOSÉ FRANCISCO BOTELHO

ilustrações MIKE AZEVEDO

Nenhuma gravidez foi mais sofrida que a de Leto, filha dos titãs Céos e Febe, e uma das amantes favoritas de Zeus. Perseguida pelos ciúmes da implacável Hera, ela penaria para dar à luz dois gêmeos divinos: Ártemis, a deusa da caça (*que você encontrou lá na página 32*), e seu irmão, Apolo – um dos mais fascinantes e multifacetados personagens do Olimpo. "Depois de Zeus, Apolo foi a maior de todas as divindades da mitologia", escreveu o helenista Walter Friedrich Otto em *Os Deuses da Grécia*, obra clássica sobre o assunto, publicada em 1928. "E, em certo sentido, ele também foi o mais grego dos deuses". Isso porque os gregos apreciavam a simetria e a moderação, tanto nas artes como em todos os aspectos da vida, e Apolo representava essas virtudes. Mas o deus percorreu um longo e atribulado caminho antes de se tornar a encarnação da harmonia.

Decidida a punir Leto, a vingativa Hera proibiu que Gaia, a Mãe Terra, abrigasse o trabalho de parto: os bastardos divinos não poderiam nascer sobre terra firme. Não satisfeita, a deusa ordenou que a monstruosa serpente Píton perseguisse a amante de Zeus até os confins do mundo.

Desesperada, Leto buscou repouso em cada uma das ilhas do mar Egeu. Mas foi enxotada de todas: ninguém ousava desobedecer Hera. A salvação veio em Ortígia, uma ilha diferente de todas as outras, pois não estava presa ao leito do oceano. Em vez disso, boiava sobre as

Apolo era patrono das artes, da medicina e da profecia.

PODEROSO E MUITO ECLÉTICO, ELE TAMBÉM TINHA UM LADO PERVERSO: TRAZIA PESTES E MORTE SÚBITA COM SUAS FLECHAS.

águas como um barco. Por isso, estava fora da alçada de Gaia, com a qual não tinha contato algum. Lá, após muito sofrimento, Leto deu à luz os gêmeos. Emocionado, Zeus prendeu Ortígia ao fundo dos oceanos, transformando-a em uma ilha como todas as outras – agora, rebatizada como Delos. Finalmente, os rebentos de Leto tinham terra firme para crescer em paz.

Alimentado com néctar e ambrosia, Apolo se tornou um rapaz alto e esbelto em apenas quatro dias de vida. E imediatamente buscou armas para vingar as agruras de sua mãe. Contou com a ajuda de Hefesto, o ferreiro divino, que o presenteou com arco e flechas de ouro (Ártemis, irmã de Apolo, receberia armas semelhantes, só que forjadas em prata). Apolo acomodou as setas nas costas e correu para sua primeira grande aventura: matar a pavorosa Píton.

A criatura estava vivendo no monte Parnaso, perto da cidade de Delfos, no centro da Grécia. De arco em riste, Apolo saltou no caminho do monstro e disparou três flechas de uma só vez: uma acertou o olho esquerdo; outra, o peito; e a terceira, a boca da serpente. Em honra à façanha do deus, os gregos construíram um templo na cidade vizinha: o famoso Oráculo de Delfos. Lá, os fiéis acorriam para consultar as pitonisas – sacerdotisas de Apolo que faziam revelações sobre o futuro. Pois Apolo, o arqueiro infalível, também era considerado o deus da profecia – uma das múltiplas funções do eclético filho de Leto.

LUZ E SOMBRAS

De cabelos loiros e sem barba, Apolo tinha a aparência de um rapaz na exuberância da juventude – e, não por acaso, era adorado como protetor dos jovens. Os gregos também o consideravam o patrono da medicina e das artes, principalmente a música. Com sua lira – que havia comprado do meio-irmão mais moço, Hermes –, Apolo dedilhava melodias nos banquetes do Olimpo. Além de tudo isso, era também o deus da luz: sem ele, as trevas desabariam sobre o mundo. Os navegantes gregos não poderiam cruzar os mares escuros e os viajantes ficariam perdidos, sem conseguir enxergar as estradas.

Contudo, a luminosa divindade também tinha um lado sombrio. "Ao mesmo tempo em que estava ligado à medicina, Apolo era visto em alguns casos como um deus que trazia a morte", explica o helenista Carlos Moreno, autor de *Um Rio que Vem da Grécia* e outros livros sobre a Antiguidade clássica. Os antigos gregos tinham uma divindade que personificava a morte em geral: Tânatos, um dos filhos da Noite e de Érebo. O aspecto mortífero de Apolo, contudo, era mais específico e cruel: ele representava as mortes repentinas e as epidemias que atingiam cidades. Quando alguém morria em um acidente inesperado ou tombava com uma doença sem cura, por exemplo, os gregos acreditavam que a pessoa havia sido atingida por uma flecha do

Louros do amor frustrado

Perseguida por Apolo, Dafne virou uma árvore

Apesar de sua beleza transcendental, Apolo nem sempre foi feliz no amor – tanto que sofreu uma das rejeições mais famosas da mitologia. Por obra de Eros, o deus do amor, Apolo nutriu uma paixão louca pela ninfa Dafne, filha do deus-rio Peneu. Contudo, Dafne sentia uma repulsa irracional sempre que Apolo se aproximava. Certo dia, Apolo tentou tomá-la nos braços. Dafne fugiu, horrorizada. Por dias, o deus perseguiu sua amada, correndo por bosques, vales e montanhas. Com as pernas fracas e a respiração ofegante, Dafne percebeu que Apolo estava prestes a alcançá-la. Desesperada, rogou socorro a seu próprio pai. "Ajude-me, Peneu! Abra a terra para me envolver ou mude minhas formas, para que a paixão de Apolo se acabe!". Imediatamente, a ninfa sentiu um formigamento pelo corpo. Uma casca áspera e escura começou a crescer sobre sua pele suave. Os dedos dos pés se alongaram, transformando-se em raízes. Os cabelos desgrenhados ganharam uma cor verde-escura e, gradualmente, foram se convertendo em folhagens. Ao mesmo tempo, as mãos e os braços ficaram nodosos e rígidos: viraram galhos. Dafne havia se metamorfoseado em uma árvore: o loureiro.

Ainda embriagado de amor, Apolo abraçou o arbusto, acariciou suas folhas e jurou: "Já que não pôde ser minha esposa, você será a minha planta preferida e vai me acompanhar eternamente. Usarei as suas folhas sempre verdes como coroa e você participará em todos os meus triunfos, consagrando as frontes dos heróis". A partir de então, o ramo de louros foi o mais célebre símbolo de glória entre os gregos e os romanos – e uma dolorosa lembrança de um amor jamais correspondido de Apolo.

infalível arqueiro divino – que, nos poemas de Homero, era chamado "aquele que fere de longe".

Mais de uma vez, o temperamento orgulhoso de Apolo o colocou em conflito com seu pai. Em uma ocasião, o jovem deus chegou a participar de uma conspiração para destronar Zeus (*como você viu na página 27*). Outra rusga ocorreu por causa de Asclépio, o amado filho de Apolo com a mortal Corônis. Asclépio foi o maior médico da mitologia. Seu talento era tão milagroso que, certa vez, conseguiu trazer um morto de volta à vida. A façanha enfureceu Hades: Asclépio, afinal de contas, roubara-lhe um súdito. O senhor dos mortos exigiu vingança. Zeus serviu como juiz no caso: decidiu que Asclépio havia desrespeitado os direitos de Hades e, portanto, quebrara a ordem do mundo. Como punição, Zeus matou o médico com um relâmpago. Apolo ficou furioso, mas não ousou atacar o próprio pai. Descarregou a fúria matando a flechadas os três ferreiros que haviam forjado o relâmpago de Zeus: os ciclopes Brontes, Estérope e Arges. O senhor do Olimpo resolveu dar ao filho uma punição exemplar pelo atrevimento: ameaçou jogá-lo no abismo do Tártaro. Mas acabou amenizando a sentença, e condenou Apolo a viver como um simples pastor, na Tessália, durante um ano. Após esse castigo, Apolo aprendeu sua lição. Jamais voltou a desafiar Zeus e passou a controlar seu gênio vaidoso. Tanto que, além de todas suas outras funções, a divindade de múltiplos talentos se tornou o patrono da harmonia e do autocontrole. Os gregos atribuíam a ele um dos ditados mais repetidos na Antiguidade: "Não faça nada em excesso". ◘

© Adams Carvalho

A rebelião dos gigantes

Símbolos da arrogância, da violência e dos desastres naturais, os gigantes, filhos da Terra, ousaram desafiar o domínio de Zeus. Mesmo depois de derrotados, continuaram perturbando o mundo.

texto JOSÉ FRANCISCO BOTELHO

ilustração MIKE AZEVEDO

Mais um dia vinha nascendo sobre o bem ordenado mundo onde os olímpicos governavam. Lá no alto do monte sagrado, Zeus contemplava Eos, a Aurora, pintando o horizonte com seus dedos rosados. Em seguida veio Hélios, o Sol, dissipando os tons róseos de sua irmã com raios fortes. Mas antes que a manhã terminasse, o sossego do Olimpo foi destroçado. Um urro de guerra retumbou por toda a Grécia. Incrédulo, Zeus viu enormes projéteis de pedra cruzando o céu. O alvo era o próprio Olimpo. Estava começando a Rebelião dos Gigantes – um estrondoso desafio contra a soberania suprema de Zeus. "O ar superior do Olimpo se tornaria tão conturbado e sem paz quanto a terra lá embaixo. Pois os gigantes aspiravam ao trono dos céus e construíram um caminho até as estrelas, empilhando montanha sobre montanha", escreveu o romano Ovídio em *As Metamorfoses*, do século 1 a.C.

Os gregos acreditavam que erupções eram causadas por gigantes sob a terra - como Encédalo, preso sob o monte Etna.

Os gigantes eram as temíveis criaturas nascidas quando o sangue de Urano salpicou a Terra. Seres de força imensa e tamanho colossal, pareciam humanos até a cintura. Mas, no lugar de pernas, tinham enormes serpentes enrodilhadas e sibilantes. Seus cabelos eram compridos e ásperos como pelos de animais selvagens. Ao se levantarem da poça de sangue divino, já estavam cobertos por grossas armaduras brilhantes e empunhavam lanças grandes como árvores. Na Trácia, onde haviam nascido, os gigantes ergueram um reino cruel. Escravizaram os humanos das redondezas e passaram a viver como reis, desprezando todos os deuses.

O ataque dos gigantes contra o Olimpo foi instigado por Gaia. Ex-aliada de Zeus na guerra contra Cronos, ela mudou de lado ao ver os titãs, seus filhos, aprisionados no Tártaro. Vezes seguidas, ela havia suplicado ao senhor do Olimpo que os libertasse. Mas Zeus não lhe deu ouvidos: suas decisões eram supremas. Enfurecida, Gaia invocou Alcioneu, o rei dos gigantes. "Destrua os olímpicos e traga os titãs de volta!", exclamou a Mãe Terra enfurecida.

OLIMPO SITIADO

Por isso, naquela manhã, o rei do mundo ouviu os estrondos da rebelião explodindo à sua porta. Os gigantes haviam arrancado do solo grandes montanhas e rochedos. Empilhando-os, fizeram uma escada improvisada. Lá do alto, passaram a alvejar o Olimpo por todos os lados, lançando penhascos inteiros e enormes árvores em chamas.

Zeus reuniu os olímpicos para a batalha. Os gigantes ameaçavam destruir toda a ordem do mundo. Se eles derrotassem Zeus, os domínios de Poseidon e Hades também seriam ameaçados. Por isso, até o recluso senhor do inferno atendeu ao chamado de Zeus. Abriram-se as portas do mundo subterrâneo e o deus dos mortos veio em auxílio de seu irmão – irritados pela luz do sol, os cavalos de sua carruagem infernal soltavam jatos de vapor pelas narinas dilatadas. Até mesmo as ninfas dos rios e das florestas acorreram para salvar o monte sitiado.

Mas Hera – que havia herdado de sua avó, Gaia, o dom da clarividência – profetizou: "Os deuses só vencerão os gigantes se contarem com a ajuda de um mortal – um homem com pele de leão". Palas Atena imediatamente se lembrou de Héracles, o mais poderoso dos humanos, filho de Zeus e da mortal Alcmena. Uma das marcas notórias de Héracles era o manto que usava sobre os ombros, feito com o couro cru do Leão da Nemeia, uma das feras monstruosas que o herói derrotou (*leia mais na matéria da página 43*). Atena desceu do Olimpo e foi em busca de Héracles, que aceitou na hora a tarefa de salvar os deuses.

Agora, a tropa olímpica estava pronta. Os deuses investiram contra os sitiantes e a batalha sacudiu o mundo inteiro. "As nuvens ecoavam o estrondo das trombetas divinas... E mais uma vez, a natureza inteira mergulhou em confusão. O potente batalhão dos gigantes lançou todas as coisas em total anarquia. Ilhas foram arrancadas do mar, montanhas mergulharam nas águas, muitos rios ficaram secos, ou tiveram seu curso alterado", escreveu o poeta romano Claudiano no poema *A Batalha dos Gigantes*, escrito no século 5.

Héracles partiu à frente, disparando suas flechas com pontas envenenadas – elas haviam sido embebidas no sangue mortífero da Hidra de Lerna, outro monstro derrotado pelo herói, como você verá mais adiante. Escapando à saraivada, Alcioneu se refugiou na Trácia, sua terra natal. Um das flechas de Héracles cravou-se nas costas do gigante. O sangue brotou, borbulhando com o veneno. Mas tão logo o corpo de Alcioneu tombou no chão, a flecha foi expelida e a ferida cicatrizou-se de imediato. Em um instante, o gigante estava de pé, revigorado. Por um momento, Héracles ficou aturdido. Mas Palas Atena lhe gritou um conselho: "Rápido, arraste-o para fora da Trácia;

Nascidos do sangue de Urano,

OS GIGANTES ERAM UMA RAÇA VIOLENTA, DE TAMANHO COLOSSAL. INSTIGADOS POR GAIA, ELES DESAFIARAM O PODER SUPREMO DE ZEUS E ATACARAM O OLIMPO.

esse é o único jeito de matá-lo". A deusa da sabedoria havia deduzido o segredo de Alcioneu: o gigante era invulnerável enquanto estivesse pisando na terra onde havia nascido. Héracles desfechou contra Alcioneu uma sucessão de golpes com sua imensa clava de madeira até lançar o gigante para fora das fronteiras da Trácia. E, sem perder tempo, o herói rachou o crânio do inimigo com uma bordoada.

Enquanto isso, ao redor do Olimpo, a batalha continuava. Outro gigante, chamado Porfírio, havia conseguido escalar o monte sagrado. Tão logo pisou no palácio divino, agarrou a rainha Hera e rasgou-lhe as roupas. Suas intenções eram as piores possíveis. Mas antes que conseguisse consumar o estupro da deusa, foi atingido pelo relâmpago de Zeus e despencou do alto do Olimpo. Os outros gigantes bateram em retirada – mas nenhum conseguiu escapar da vingança. Brandindo seu tridente, Poseidon arrancou um penhasco e arremessou-o contra os fugitivos. O projétil acertou as costas do gigante Políbotes, que ficou soterrado sob o que hoje é a ilha de Nísiros, no Mar Egeu. Já o gigante Encédalo foi soterrado por Palas Atena sob a ilha da Sicília. Outros foram mortos na Arcádia e na região de Cumas, na Itália. Segundo os antigos gregos, as erupções e os terremotos, comuns em toda essa região, eram os movimentos dos gigantes soterrados, alguns deles ainda vivos debaixo de campos e montanhas, debatendo-se sem jamais conseguirem se libertar. As erupções do Monte Etna, por exemplo, eram resultado da fúria impotente de Encédalo em sua prisão subterrânea.

Assim como o sangue de Urano dera origem aos gigantes, o sangue dos gigantes também fecundou a terra. Segundo os mitos, as tribos que habitavam a Trácia, consideradas bárbaras e violentas por gregos e romanos, haviam nascido das poças formadas pelo sangue de Alcioneu e de seu exército colossal. "O sangue borbulhante tomou forma humana; surgiu uma nova raça, que também olhou os deuses com desprezo", escreveu Ovídio. "Nesses homens, persiste uma apaixonada luxúria por violência e por massacres. Não é de estranhar que tenham nascido do sangue".

Mas a fúria de Gaia ainda não havia sido aplacada. Após a destruição dos gigantes, a Mãe Terra tentou mais uma vez destruir o reinado do Olimpo. Invocou Tártaro, o deus sombrio que vive nas profundezas do Abismo. Do sexo tenebroso entre as duas divindades, nasceu Tifão. Ele foi o maior, o mais poderoso e o mais terrível monstro que o mundo já viu. E foi dele o último desafio contra o domínio de Zeus. Gigantesco, Tifão possuia cem cabeças. Mas acabou soterrado por Zeus sob uma montanha. ◘

© Adams Carvalho

O tortuoso caminho dos heróis

Não era fácil ser um herói. Personagens como Héracles, Perseu e Teseu eram o ápice da excelência humana e tinham de lidar com a ira divina e com as armadilhas do destino. Venciam, mas os prêmios de seu heroísmo tinham um preço amargo.

texto JOSÉ FRANCISCO BOTELHO

ilustração MIKE AZEVEDO

Imperfeitos, sanguinários e profundamente humanos – assim eram os heróis da mitologia grega. Alguns descendiam de deuses e deusas – mas essa não era sua característica principal. "O que definia um herói grego não era o sangue divino, mas a busca incessante da excelência humana", explica Viktor Salis, especialista em fenomenologia dos mitos pela Universidade de Sorbonne, na França, e autor do livro *Mitologia Viva*. "Os gregos consideravam que, se todos os homens nascem iguais, eles não permanecem iguais ao longo da vida. Alguns, apesar de seus erros e defeitos, conquistam a imortalidade". A imortalidade podia ser literal: Héracles, o maior de todos os heróis, ganhou vida eterna e se transformou em um semideus no Olimpo. Em outros casos, contudo, o herói se tornava imortal apenas na memória humana. Para merecer o prêmio da eternidade, os heróis tinham de realizar façanhas aparentemente impossíveis. Muitas vezes, o grande obstáculo era simbolizado por uma criatura terrível e não humana. O duelo entre os grandes heróis e os grandes monstros é uma metáfora da luta de todos os seres humanos para cumprir seu destino. A seguir, conheça alguns desses embates míticos.

Ancestral de gregos e persas,

PERSEU DERROTOU UM DOS MONSTROS MAIS FAMOSOS DA MITOLOGIA: A HORRIPILANTE MEDUSA, CUJO ROSTO PETRIFICAVA QUEM A OLHASSE.

PERSEU VENCE A MEDUSA

Nos confins do mundo, o vento soprava sobre o jardim dos horrores. Em um solo gelado e coberto por pedregulhos, velhas árvores balançavam lentamente seus galhos torcidos. Por todos os lados, havia estátuas de homens e animais. Nos rostos, expressões de pavor – algumas delas, desgastadas pelo chuvisco constante. Esse local sinistro era o covil das górgonas – três irmãs monstruosas, Medusa, Esteno e Euríale, que tinham o poder de transformar em pedra qualquer criatura que as olhasse. Mas naquele dia, um vento diferente soprou sobre o jardim terrível: eram as asas nas sandálias de Perseu, que chegou voando pelos céus para buscar a cabeça de Medusa, a mais temida das górgonas.

Perseu foi o primeiro dos grandes heróis da mitologia. Seus descendentes, conhecidos como pérsidas, formaram as casas reais de Micenas e Esparta, duas das cidades mais importantes da Grécia antiga. Além disso, ele era considerado o ancestral dos imperadores da Pérsia – inimigos históricos dos gregos. Antepassado de dois povos adversários, ele também foi o bisavô do maior de todos os heróis dos mitos: Héracles.

Perseu nasceu de uma gravidez proibida. Acrísio, rei de Argos, decretara que nenhum homem deveria pôr as mãos em sua filha Dânae. Segundo uma profecia, o soberano argivo seria destronado e morto por seu próprio neto. Dânae foi aprisionada em uma torre, mas isso não foi o bastante para deter Zeus. O implacável conquistador deu um jeito de entrar na cela de Dânae e teve com ela uma noite de amor (*leia na página 24*). Nove meses depois, vinha ao mundo Perseu.

O avô não se deixou comover pelo choro do neto recém-nascido. Ao olhar aquela criança, via apenas a face de sua própria morte. Acrísio chegou a sacar a espada – mas sua mão fraquejou. Não foi a piedade que o deteve, mas o medo do castigo divino: entre os gregos, o pior crime imaginável era derramar o sangue da própria família. Mesmo assim, Acrísio precisava livrar-se de Perseu e de sua mãe. A solução que encontrou foi ainda mais cruel que passá-los no fio da espada: trancafiou a princesa e o bebê em um caixão de madeira e jogou-os nas águas do mar. Para os gregos antigos, isso não era derramar sangue: Dânae e o filho seriam mortos pelas ondas ou pela fome, e não pelas mãos de Acrísio.

Mas o destino de Perseu não era desaparecer nas águas. Naquele dia, não houve tempestades no mar. Apenas uma brisa suave, que foi empurrando o caixão até as areias da ilha de Serifo. Um pescador, Díctis, avistou o estranho objeto que o mar

Perseu e Andrômeda

O primeiro herói grego correu o mundo, mas não escapou da fatalidade

Voltando de sua viagem à Hiperbórea, Perseu parou para descansar no litoral da Etiópia. Ali, avistou uma linda moça seminua acorrentada a um rochedo. Era Andrômeda, filha do rei Cefeu. Há anos, o reino era assolado por um monstro marinho. De acordo com um oráculo, a besta só seria aplacada com o sacrifício da princesa. Mal Andrômeda acabara de falar, e as águas do mar se encapelaram. O monstro surgiu nas ondas. Mas Perseu derrotou o mal com o mal: sacou a cabeça da Medusa, e o demônio marinho afundou nas águas, petrificado. A mesma estratégia foi usada contra Polidectes: entrando de repente na sala do trono, o herói transformou em pedra o soberano e todos os seus guardas. Depois, casou-se com Andrômeda, teve muitos filhos e viajou por toda a Grécia.

Mas as vitórias de Perseu tiveram um sabor amargo. Anos depois, ele participava de uma competição na cidade de Larissa. Arremessava um disco – uma modalidade esportiva popular na época – quando o vento desequilibrou sua mão. O disco voou em direção à plateia e rachou a cabeça de um espectador, que morreu na hora. O nome do morto era Acrísio, rei de Argos, avô de Perseu.

Após derrotar a Medusa, Perseu voou até a Etiópia. E lá salvou Andrômeda, condenada a morrer entre os dentes de um monstro marinho.

lançara na praia. Arrombando a tampa, encontrou a princesa e o filho adormecidos – ambos exaustos de tanto chorar. Apiedado, acolheu-os em sua casa.

Mas as agruras e provações da bela Dânae não haviam acabado. Um dia, enquanto varria a casa de Díctis, ela foi avistada por Polidectes, rei de Serifo, que estava caçando nas redondezas. O soberano imediatamente sentiu uma paixão furiosa pela beldade ruiva. E ordenou que ela fosse viver em seu palácio. Temendo incorrer na ira real, Dânae obedeceu. Mas não tinha intenção alguma de casar com Polidectes – um homem brutal, zombeteiro e beberrão. Perseu – agora um rapaz forte e impetuoso – logo notou os olhares vorazes que o rei dirigia à sua mãe. Seu sangue ferveu, e ele jurou vingança.

Polidectes estava convencido de que Perseu era o maior obstáculo a seus desejos. Decidiu afastar o rapaz de sua ilha, a qualquer custo. Sabendo que o jovem era orgulhoso, fez-lhe um desafio. Para provar seu valor, Perseu deveria lhe trazer a horripilante cabeça da Medusa.

Perseu, com efeito, era altivo demais para recusar o desafio. Na mesma noite, partiu – mas sem saber exatamente aonde ir, pois desconhecia a localização do covil das górgonas. Quem lhe deu a primeira pista foi Palas Atena, protetora dos heróis. Ela lhe revelou que a Medusa se escondia em um deserto rochoso e gelado na Hiperbórea, região selvagem no extremo norte do mundo. Além disso, deu-lhe um conselho extra: "Procure as ninfas Hespérides, que guardam os pomares da deusa Hera. Elas lhe darão as armas necessárias para derrotar a Górgona". Perseu viajou ao Jardim das Hespérides, no norte da África, e lá recebeu os artefatos mágicos: as sandálias voadoras de Hermes;

© Adams Carvalho

Héracles, o maior dos heróis gregos,

MISTURAVA A CORTESIA À EXTREMA VIOLÊNCIA. COMETEU CRIMES TERRÍVEIS E GRANDES LOUCURAS. MAS APESAR DE SEUS DEFEITOS, ERA UM MODELO NA EDUCAÇÃO DOS JOVENS GREGOS.

o capacete de Hades, que conferia a invisibilidade; e um alforje encantado, onde poderia guardar a cabeça da Medusa sem que ela apodrecesse. Depois, Palas Atena lhe deu um escudo liso e brilhante e revelou como deveria matar Medusa. "Não a olhe diretamente, mas mire seu golpe no reflexo desse escudo".

Perseu calçou as sandálias aladas e saiu voando pelos céus. Rasgando rapidamente as nuvens, chegou enfim à região enevoada e coberta de sombras no extremo norte. Desceu no sinistro jardim das górgonas – e, para sua sorte, encontrou os três monstros adormecidos. Ergueu o escudo: a disforme cabeça coberta de serpentes refletiu-se na superfície polida. Palas Atena guiou sua mão, o golpe foi certeiro – e, no último instante, a górgona arregalou os olhos. Estênelo e Euríale – as irmãs de Medusa – despertaram com um silvo furioso e puseram-se a procurar o assassino. Mas Perseu já havia colocado em sua cabeça o capacete de Hades. E agora voava, invisível, para bem longe dali. No alforje, levava a cabeça do monstro.

Derrotar a Medusa foi a proeza mais célebre de Perseu – mas ele ainda teria uma vida longa e atribulada pela frente. Descubra o resto dessa história na página 45.

HÉRACLES E O LEÃO DA LUA

A planície da Nemeia, no sul da Grécia, estava deserta. Pelas ruas das aldeias, não se via sequer uma criança correndo ou brincando. E os campos estavam abandonados, sem lavouras nem gado. Os habitantes da região haviam fugido – os sortudos, pelo menos. Pois os menos afortunados acabaram seus dias entre as garras e as mandíbulas do terrível leão que caiu do céu. Filho de Selene – a Lua –, o monstro havia tombado durante uma noite, como um meteorito, entre os penedos do monte Tretus. Passou a viver em uma caverna com duas entradas, na base do penhasco. E logo se pôs a aterrorizar o povo da região com sua fome insaciável. Muitos haviam tentado derrotá-lo, mas o pelo dourado do leão era invulnerável a qualquer arma.

As lâminas mais afiadas não lhe deixavam sequer um arranhão. Pouco a pouco, as ossadas das vítimas iam embranquecendo os campos verdes da Nemeia. Mas um dia, um vulto de ombros largos e passos serenos se desenhou no horizonte. Vinha com uma clava apoiada ao ombro, um arco à mão, e uma aljava cheia de flechas. Aquele era Héracles – ou Hércules, entre os romanos: o filho favorito de Zeus, que vinha cumprir o primeiro de seus Doze Trabalhos (*entenda melhor a história de Héracles lendo os boxes das páginas 48 e 49*).

Bisneto de Perseu e filho do Senhor dos Deuses, Héracles foi o mais extraordinário mortal que já pisou sobre a Terra. Imensamente forte, inteligente e talentoso, ele era cordial com os inimigos e piedoso com os mais fracos. Mas tinha também um lado sombrio. Nas ocasiões em que a fúria o dominava, ele co-

metia crimes terríveis. Certa vez, quando menino, foi repreendido em uma aula de música por seu professor, Linus. Enfurecido, Héracles apanhou uma lira e golpeou o mestre na cabeça. O professor morreu na hora. "Héracles tinha grandes falhas – mas, mesmo assim, era o modelo na educação de todo jovem grego", diz Salis. "Isso porque, apesar de suas imperfeições, ele cumpriu seu destino e conquistou um patamar de excelência jamais igualado por nenhum outro mortal".

O maior herói grego foi também um dos mais desventurados: a perseguição da ciumenta Hera o levou a matar os próprios filhos em um surto de loucura. Para expiar o crime, teve de fazer uma penitência humilhante: colocar-se a serviço de seu primo mais velho, Euristeu, rei de Micenas. Héracles e Euristeu eram inimigos mortais, pois suas famílias haviam disputado o trono da cidade. Além disso, Euristeu era covarde, hipócrita e oportunista – tudo o que seu vigoroso primo mais odiava.

A primeira tarefa incumbida pelo detestável Euristeu foi matar o Leão da Nemeia – e arrancar o couro do animal. Na verdade, o soberano de Micenas esperava que o leão matasse Héracles. De qualquer forma, o herói aceitou o desafio – até porque não tinha opção. Cruzou a pé a Nemeia deserta e, chegando ao monte Tretus, tapou uma das entradas do covil com uma pe- ►

Atê, a deusa da loucura, lançou uma alucinação sobre a mente de Héracles. Achando estar cercado por inimigos, ele massacrou os próprios filhos.

A loucura de Héracles

Fruto do amor entre Zeus e a mortal Alcmena, Héracles era o filho mais amado pelo senhor do Olimpo. Por isso mesmo, atraiu o ódio de Hera, que tramou contra ele uma vingança terrível. Casado com Mégara, princesa de Tebas, Héracles teve seis filhos, a quem amava profundamente. Um dia, porém, Hera invocou Atê, a deusa da loucura, que possuiu a mente do herói. Pensando estar no meio de inimigos, Héracles matou os próprios filhos a flechadas. Abandonado pela esposa e corroído pelo remorso, o desventurado herói perguntou a Oráculo de Delfos o que deveria fazer para expiar seu crime. "Você só será purificado após colocar-se a serviço de seu primo, o rei Euristeu de Micenas". E assim começaram os 12 Trabalhos de Héracles.

© Adams Carvalho

Os 12 Trabalhos

As façanhas do herói lhe deram vida eterna

Euristeu, rei de Micenas, odiava Héracles e queria vê-lo morto – o soberano temia que o poderoso primo um dia lhe tomasse o trono. Por isso, encarregou-o das tarefas mais perigosas do mundo, na esperança de que o herói fosse derrotado. Grande engano. Héracles cumpriu todas as tarefas e conquistou sua purificação – mostrando que era tão forte de espírito quanto de corpo. Suas façanhas foram tão extraordinárias que até Hera acabou por perdoá-lo. Após a morte, Héracles transformou-se em um semideus e subiu ao Olimpo, onde se casou com Hebe, deusa da juventude. Mais tarde, seus descendentes, os heráclidas, tomariam o trono de Micenas. Ao lado, conheça os 12 Trabalhos de Héracles.

1

Matou o monstruoso Leão da Nemeia, que havia caído da Lua, e cuja pele era invulnerável a qualquer arma (*leia mais na página 54*).

2

Destruiu a Hidra de Lerna, criatura com corpo de cão e dezenas de cabeças de serpente, que rebrotavam após serem cortadas. Além disso, seu sangue era venenoso. Héracles esmagou as cabeças com sua clava, enquanto seu primo Iolau cauterizava com uma tocha os tocos decapitados. Aniquilado o monstro, Héracles embebeu suas flechas no sangue peçonhento.

3

Capturou a Corça de Cerínia, animal mágico com cascos de bronze e dotado de velocidade mágica. Héracles apanhou-a, sem feri-la, após persegui-la por mais de um ano.

4

Caçou um monstruoso javali que assolava a região de Erimanto, na Arcádia. Sem matá-lo, Héracles o amarrou e o levou nas costas até a corte de Euristeu, em Micenas.

5

Limpou os estábulos proverbialmente imundos do rei Áugias, que abrigavam o maior rebanho do mundo. Para varrer camadas de esterco acumuladas por décadas, o herói teve de desviar o curso de dois rios.

6

Derrotou as aves que infestavam o Lago Estínfale, na Arcádia. Eram pássaros monstruosos, com plumas de bronze afiadas como punhais. Héracles afugentou-as batendo dois címbalos forjados por Hefesto. A revoada negra fugiu para o outro lado do Mar Egeu.

7

Capturou e domou o touro cuspidor de fogo que assolava a ilha de Creta. O animal saíra das águas do mar: fora enviado por Poseidon para punir a arrogância do rei Minos.

8

Diomedes, rei de uma cidade na Trácia, tinha em seus estábulos quatro éguas ferozes, que alimentava com carne humana. Héracles matou o tirano e domou os monstros equinos.

9

Liderando um exército de heróis, Héracles roubou o cinturão mágico de Hipólita, rainha das Amazonas – uma nação de guerreiras que vivia na Frígia.

10

Em seguida, Héracles roubou o gado de Gerião – descendente dos antigos titãs, ele era um monstro de três cabeças, seis braços e três troncos unidos na cintura. Héracles conseguiu trespassar os três corpos de Gerião com uma única flecha.

11

O penúltimo trabalho foi colher as maçãs douradas do Jardim das Hespérides. A macieira encantada, que dava frutos de ouro, fora dada como presente de casamento a Hera por sua avó Gaia, e era guardada no norte da África, atual Marrocos.

12

O décimo segundo trabalho foi o mais radical: Euristeu ordenou que Héracles capturasse Cérbero, o cão de três cabeças que guardava a entrada do Inferno. O herói desceu por uma caverna até o reino de Hades e prendeu o cão infernal com uma corrente. A pele do Leão da Nemeia salvou-o das mordidas fatais da fera.

© Adams Carvalho

dra. Entrando pelo outro lado, encurralou o leão no meio da cova. Primeiro, tentou perfurá-lo com suas flechas – mas os dardos caíam ao chão sem machucar a fera. Furioso, atracou-se com o leão numa luta corpo a corpo. Conseguiu matá-lo apertando sua garganta. Mas logo se deparou com outro dilema: como arrancar a pele do leão, se ele era invulnerável? Nesse momento, Palas Atena cochichou ao seu ouvido: "O leão é invulnerável a tudo, menos a si mesmo".

Héracles entendeu na hora o aparente enigma: apanhou as patas do leão e usou as afiadíssimas garras para arrancar seu couro. O herói ficou tão orgulhoso do feito que, até o fim de suas façanhas, usaria aquela pele amarrada ao redor do corpo – a veste, além de lhe dar um aspecto feroz, aparava os golpes dos adversários.

Com a pele dourada ao ombro, Héracles se afastou. O primeiro trabalho estava completo. Faltavam 11.

Teseu, príncipe de Atenas, mergulhou nas curvas do Labirinto de Creta para enfrentar o Minotauro – metade homem, metade touro.

TESEU E O MINOTAURO

Em uma de suas andanças, Héracles se hospedou no palácio de Piteu, rei da pequena cidade de Troezen, ao sul de Atenas. Durante o banquete, despiu a pele do Leão da Nemeia e atirou-a sobre um banco. Todas as crianças presentes saíram correndo, assustadas com a face da fera – todas, menos um menino de sete anos. Ele apanhou um machado usado para cortar lenha, que estava apoiado à parede, e ergueu-o para atacar o leão. Héracles soltou uma gargalhada e perguntou quem era o menino tão valente. "Meu nome é Teseu", disse o garoto.

Como tantos heróis, Teseu era um bastardo – fruto de uma noite de amor casual entre Egeu, rei de Atenas, e Etra, princesa de Troezen. Alguns, contudo, cochichavam que seu verdadeiro pai era Poseidon. Etra era prima de Alcmena, mãe de Héracles, e Teseu cresceu admirando profundamente seu primo mais velho. Assim que chegou à adolescência, tentou igualar as façanhas do parente famoso.

Criado pela mãe, o rapaz partiu de casa aos 16 anos e foi para Atenas reclamar sua herança. Egeu, que não tinha outros herdeiros, recebeu o filho com abraços calorosos e uma grande festa. Mas logo após as celebrações, Teseu notou que uma sombra caiu sobre a cidade. Pelas esquinas, famílias choravam e cobriam o rosto. Egeu explicou ao filho: Atenas vivia sob o domínio de Minos, rei de Creta. E, como sinal de submissão, sete rapazes e sete moças eram enviados a Creta a cada nove anos. Lá chegando, os jovens eram devorados pelo Minotauro – o monstruoso filho da rainha Pasífae, que vivia no Labirinto de Creta, meio homem e meio touro. Imediatamente, Teseu declarou que mataria o Minotauro com as próprias mãos. Egeu, claro, tentou dissuadi-lo. Mas foi inútil. Dias depois, Teseu embarcava para Creta. Como de praxe, as vítimas do Minotauro viaja-

Teseu queria igualar seu primo Héracles.

MAS GANHOU A IMORTALIDADE APENAS NA MEMÓRIA HUMANA, AO ENFRENTAR E MATAR O MINOTAURO. DEPOIS, ELE SE TORNOU O REI MAIS FAMOSO DE ATENAS.

vam em um navio com velas negras. Antes da partida, Egeu lhe fez um pedido: "Se for vitorioso, desfralde velas brancas ao voltar. Assim saberei que meu filho está vivo".

Ao desembarcarem em Creta, as vítimas do sacrifício foram inspecionadas na praia por Minos, que estava acompanhado por sua filha, Ariadne. Afrodite, protetora de Teseu, lançou seu feitiço, e a princesa cretense imediatamente se apaixonou pelo ateniense. Naquela noite, ela foi até a cela onde as vítimas ficavam presas. Declarando sua paixão, entregou a Teseu uma espada e um novelo de linha – a primeira, para matar o Minotauro; o segundo, para entrar e sair do labirinto sem se perder.

Teseu amarrou uma ponta da linha à entrada e depois foi desenrolando o carretel à medida que avançava pelas curvas, esquinas, arcos e corredores sombrios do labirinto. Finalmente, deparou-se com o vulto horrendo do Minotauro. Os mitos diferem sobre a forma como o combate foi travado. Em algumas obras de arte, Teseu derrota o monstro com as próprias mãos, agarrando-o pelo grosso pescoço bovino. Em outras pinturas e esculturas, Teseu trespassa o inimigo com a espada. O fato é que, naquela mesma noite, após retomar o caminho marcado pelo carretel de linha, o jovem libertou os outros atenienses. Fugiram para o navio e zarparam rumo ao lar. E Ariadne acompanhou o bem-amado, esperando se tornar sua esposa.

No caminho, fizeram uma parada na ilha de Naxos. E ali ocorreu um fato misterioso. Ariadne adormeceu sobre a areia da praia, e o herói partiu, deixando-a para trás. Em algumas versões do mito, Teseu fez isso por simples canalhice: havia usado Ariadne para seus objetivos, mas não tinha qualquer intenção de se casar com ela. Outras versões contam uma história diferente. Dioniso, o deus do vinho, há muito tempo era apaixonado por Ariadne. Quando a bela adormeceu, ele lançou sobre Teseu um feitiço: o príncipe ateniense esqueceu completamente a existência de sua amante. Zarpou sem nem sequer recordar que deixava alguém para trás. Quando Ariadne despertou, ficou horrorizada. E enfurecida pela traição. Com os punhos fechados, lançou uma maldição contra o navio que se afastava. Pouco depois, ouviu sons de cânticos embriagados. O cortejo de Dioniso chegava à praia. Cortesmente, o deus convidou Ariadne a se juntar a seu séquito festivo. Ariadne aceitou o convite: acabou se casando com Dioniso e, no devido tempo, também esqueceu Teseu.

Mas a maldição de Ariadne continuou bem acesa. Ao se aproximar de Atenas, Teseu esqueceu o que havia combinado com seu pai – e não desfraldou as velas brancas. Vendo a cor negra tremular sobre o navio, Egeu acreditou que o filho estivesse morto. Desesperado, lançou-se do alto de um penhasco e morreu afogado no mar – que, em sua homenagem, passou a ser chamado de Mar Egeu. O herdeiro do soberano morto foi coroado e tornou-se o mais famoso monarca a governar Atenas. Mas sua vitória – como muitas vitórias dos heróis gregos – foi marcada pela sombra da tragédia. ◘

© Adams Carvalho

Amores fatais

A mitologia clássica está cheia de amores fadados à desgraça, à destruição e à morte. Para os gregos, era inútil lutar contra a fatalidade – e essa ideia foi o que deu origem às grandes tragédias gregas.

texto JOSÉ FRANCISCO BOTELHO

ilustração MIKE AZEVEDO

Na mitologia grega, o destino nem sempre é gentil com os amantes. Muitas das histórias de amor mais famosas no mundo dos mitos acabam em total desgraça. Moira, a deusa do destino – uma das filhas de Nyx, a Noite –, era uma divindade mais antiga e mais poderosa que o próprio Olimpo: ninguém contestava as suas decisões e nem mesmo Zeus podia contrariá-la. Além de potente, Moira era misteriosa e indecifrável. "Os antigos gregos acreditavam que as fatalidades e os sofrimentos eram inevitáveis e podiam se abater sobre qualquer um. O que realmente importava era a forma como o ser humano se comportava diante das dores da vida", explica Viktor Salis, especialista em fenomenologia dos mitos pela Universidade de Sorbonne, na França, e autor de livros como *Mitologia Viva* (Nova Alexandria, 2011).

Não por acaso, um dos gêneros mais famosos da literatura grega foi a tragédia

Da felicidade ao infortúnio total,

O DESTINO ATACAVA QUANDO MENOS SE ESPERAVA. NAS TRAGÉDIAS GREGAS, QUALQUER UM PODE CAIR NA DESGRAÇA.

– como *Medeia*, de Eurípides, e *Édipo Rei*, de Sófocles, peças compostas no século 5 a.C. Na tragédia grega, os infortúnios caem subitamente sobre os personagens, jogando-os da felicidade para a tristeza e a miséria – uma representação da fragilidade da condição humana. Mesmo os heróis mais fortes e prósperos podem terminar a vida na desgraça. E as mais belas paixões rapidamente se transformam em sangue e cinza. Nas próximas páginas, conheça alguns dos amores mais malfadados da mitologia grega.

MEDEIA E JASÃO

Ela era a neta do Sol e a favorita das trevas. Ele era um príncipe sem trono, em busca de glória nos confins do mundo. O amor entre ambos foi um dos mais intensos em toda a mitologia grega – e também um dos mais sangrentos.

O encontro aconteceu nas profundezas de um bosque escuro, junto a um altar de Hécate, a temível deusa das bruxas. Achando estar sozinha, a princesa Medeia acabava de fazer uma oferenda à sombria divindade. Filha de Aetes, rei da Cólquida, e neta de Hélios, o deus do Sol, Medeia era uma das feiticeiras mais poderosas do mundo antigo. Entre seus poderes, estava o dom de falar com os animais, acalmar ou invocar tempestades e erguer ondas gigantes no mar.

Medeia escutou um ruído entre os arbustos e voltou o rosto. Por um instante, a altiva feiticeira ficou sem palavras. Um rapaz de físico perfeito a observava. Tinha cabelos compridos, duas espadas na cinta, e uma pele de leopardo amarrada ao redor do corpo. Imediatamente, Medeia sentiu que seu destino estava ligado para sempre àquele homem. Estava terrivelmente apaixonada.

O jovem herói lançou-se aos pés da bela bruxa. Contou sua história – e implorou ajuda. Chamava-se Jasão e era filho de Éson, o rei destronado da cidade de Iolcos, na Tessália. O trono fora roubado pelo irmão de Éson, o inescrupuloso Pélias. Quando Jasão, o legítimo herdeiro, exigiu o que lhe era devido, o usurpador lhe respondeu com um desafio aparentemente impossível: "Eu lhe darei o trono de Iolcos quando você me trouxer o Velocino de Ouro".

O Velocino era um artefato feito com a lã do fabuloso Carneiro Dourado. Filho de Poseidon e da mortal Teofane, a mágica criatura tinha inteligência humana e voava como um pássaro. Após sua morte, virou a constelação de Áries. Com sua lã dourada, foi confeccionado um manto belíssimo e refulgente, que se tornou um dos tesouros mais cobiçados do mundo mitológico. O mirabolante prêmio estava guardado em um jardim no palácio de Aetes – pai de Medeia –, sob a mirada infalível de um dragão de escamas verdes, que jamais dormia.

Para cumprir o desafio, Jasão reuniu uma tropa com os 50 maiores heróis gregos da época. E embarcou no Argos, o maior e mais famoso navio dos tempos míticos. Entre os tripulantes do Argos – chamados de Argonautas – estavam o músico e poeta Orfeu (*protagonista de outra história de amor trágico,* ►

Orfeu e Eurídice

O maior dos músicos desceu aos infernos para buscar seu amor

Orfeu foi o poeta e músico mais célebre da Grécia mitológica. Tocava a lira com tanto sentimento que até as feras selvagens se deitavam, mansas, aos seus pés. E sua voz era tão melodiosa que fazia as árvores se balançarem, dançando suavemente. Até as pedras mudavam de lugar, seguindo o ritmo de sua música.

Orfeu amava apenas uma coisa mais que sua arte: a esposa Eurídice. Mas o destino não permitiu que ficassem juntos neste mundo. No vale de Tempe, na Trácia, Eurídice foi mordida por uma serpente venenosa, e sua alma desceu à sombria região governada por Hades. Orfeu apanhou a lira – sua única arma – e desceu ao reino dos mortos, por uma caverna na região de Trespócia. Em seguida, desceu pelo túnel sinistro até o rio Estige, nas margens do inferno. Lá, não usou a força, mas a arte para vencer os poderes da morte. Com o toque de sua lira, hipnotizou Caronte, o barqueiro infernal, e o convenceu a levá-lo à outra margem do rio. Depois, amansou Cérbero com as notas de sua música. Mas sua maior façanha ainda estava por vir. Orfeu apresentou-se diante do tenebroso trono de Hades, o deus dos mortos, que jamais havia sido tocado pela piedade. O poeta dedilhou as cordas da lira e entoou a mais triste canção já composta no mundo. Pela primeira vez, a alma de Hades se enterneceu; e o senhor dos mortos consentiu em libertar Eurídice. Mas impôs uma condição: até Eurídice estar de volta à luz do sol, na superfície da Terra, Orfeu não deveria olhar o rosto da amada.

O amante vivo e a amada morta se puseram a caminho. Enquanto subiam o trajeto escuro rumo à boca da caverna, Eurídice foi seguindo as notas que Orfeu dedilhava. Durante a maior parte do trajeto, o poeta controlou-se para não olhar para trás. Mas o desejo de rever a face de sua amada foi mais forte que a sensatez. Quando Orfeu colocou os pés na saída da caverna, seu rosto se virou instintivamente. Por apenas um segundo, ele teve um vislumbre das feições de Eurídice: pálida, lânguida, mas ainda com as feições que ele amava. Um segundo depois, uma força invisível puxou o fantasma de Eurídice de volta às profundezas. Ela estava perdida – desta vez, para sempre. E Orfeu passaria o resto da vida cantando seu amor extraviado entre as sombras.

© Adams Carvalho

Eco e Narciso

Conhecer a si mesmo nem sempre é o caminho para uma vida tranquila. Isso é o que sugere a história de Narciso, filho da ninfa Liríope e do deus-rio Céfiso. Quando ele era menino, um vidente profetizou: "Narciso terá uma vida longa e feliz, desde que jamais conheça a si mesmo". Desde pequeno, Narciso teve uma beleza hipnótica. Quando andava pelos bosques, as ninfas suspiravam de paixão. Mas o rapaz cresceu sem jamais corresponder ao amor de ninguém. Uma das ninfas apaixonadas por Narciso era a desventurada Eco. Certa vez, havia ajudado Zeus a encobrir suas infidelidades. Por castigo, Hera lançou sobre a ninfa uma maldição: Eco se tornou incapaz de usar a própria voz, exceto para repetir as palavras dos outros. Inutilmente, ela seguia Narciso pelos bosques. "Me deixe em paz!", ordenava o egocêntrico Narciso, e Eco respondia apenas: "Paz... paz... paz..." Sem jamais conseguir declarar seu amor com palavras próprias, Eco acabou se esvanecendo de tristeza: o corpo desapareceu e restou apenas a voz, condenada a repetir sons alheios.

A vaidade de Narciso era tão grande que irritava alguns deuses. Foi o caso de Ártemis, que resolveu puni-lo. Um dia, em suas andanças, ele se deitou junto a uma fonte de água pura para saciar a sede. Mas, no momento em que se inclinava para beber, Ártemis fez com que ele se apaixonasse pelo rapaz que o contemplava na superfície da água: seu próprio reflexo. Narciso tentou abraçar o amado; mas a água escorria entre suas mãos. Por fim, acabou enterrando uma adaga no peito. Segundo outra versão do mito, de tanto olhar seu reflexo, ele caiu nas águas e morreu afogado. Na grama às margens da fonte, cresceu a flor que hoje leva seu nome.

O amor de Medeia e Jasão

FOI UM DOS MAIS INTENSOS DA MITOLOGIA. E UM DOS MAIS DESGRAÇADOS.

como você pode ver no box da página 55); Héracles, o maior dos mortais; o príncipe Meléagro, da Calidônia; e a princesa-guerreira Atalanta, da Arcádia. E lá se foram os Argonautas em direção à distante Cólquida, onde hoje fica a região do Cáucaso.

Mas a tripulação heroica não era o maior trunfo de Jasão. Antes de começar a jornada, ele havia feito um sacrifício em um templo de Afrodite, suplicando sua ajuda. A deusa do amor decidiu proteger e auxiliar o herói na busca pelo Velocino. Por isso, Medeia se apaixonou à primeira vista: era o poder de Afrodite agindo sobre ela. Em frente ao altar de Hécate, os dois jovens se beijaram e fizeram amor. Em seguida, Jasão prometeu casar-se com Medeia. Dominada pela paixão, ela decidiu abandonar pátria e família, e passar o resto da vida com aquele homem que acabara de conhecer. A princesa entregou ao amante um frasco negro, contendo uma poção feita com as águas do Letes, um dos rios que corriam no inferno. Algumas poucas gotas foram o suficiente para fazer o terrível dragão insone adormecer. Jasão rapidamente apanhou o artefato de lã dourada e, naquele mesmo dia, o Argos zarpava de volta à Grécia.

Nem bem chegaram lá, contudo, aquele amor cheio de proezas começou a mergulhar nas trevas. Mesmo após a conquista do Velocino, Jasão não conseguiu o trono que desejava. O povo de Iolcos desconfiava dele – não por ser um estrangeiro, mas por ter se casado com uma feiticeira. Os Argonautas se dispersaram pela Grécia e Jasão, ainda sem trono, foi viver em Corinto – o rei da cidade, Creonte, era seu amigo. Jasão ainda amava Medeia, e já tivera com ela dois filhos, Mêrmeros e Feres. Mas sua ambição política foi maior que a paixão. Quando Creonte lhe ofereceu a mão de sua filha Creúsa – e um posto no governo da cidade –, Jasão decidiu que era tempo de se separar de sua companheira de aventuras: ordenou que Medeia fosse embora e renegou os próprios filhos.

Medeia fingiu aceitar a rejeição: mostrou-se dócil e chegou a oferecer a Creúsa um belo vestido de casamento. Mas uma se-

guidora de Hécate jamais deixa uma ofensa passar em branco. No dia do casamento, ao colocar o vestido sobre o corpo, Creúsa soltou um grito de horror: o tecido grudou-se em sua pele e se transformou em fogo. Horrorizado, Jasão viu a noiva se transformar em uma chama viva. De espada desembainhada, correu até a casa onde Medeia vivia com os filhos. Mas, ao chegar lá, deparou-se com uma imagem além do pesadelo mais cruel – uma das cenas mais brutais que a mitologia grega nos legou. Coberta de sangue, Medeia segurava nos braços os corpos degolados de Mêrmeros e Feres – que ela mesma havia matado.

Um clarão ofuscou os olhos perplexos de Jasão: era a carruagem de Helios, o Sol, que viera buscar sua neta. Com os corpos dos filhos, a feiticeira subiu aos céus. "Contempla os filhos que eu mesmo apunhalei, para destroçar teu coração!" gritou Medeia. "E tuas desgraças não estão completas, Jasão: espera até chegar tua velhice". A profecia de Medeia se cumpriu. Depois de vagar pela Grécia durante anos, Jasão morreu amargurado, velho e sozinho, deitado sobre as areias de uma praia.

Em um despenhadeiro nas vizinhanças de Tebas, a Esfinge desafiava viajantes com um enigma. Édipo foi o único capaz de derrotá-la.

ÉDIPO E JOCASTA

A desventurada história de Édipo, rei de Tebas, foi uma cruel obra-prima de Moira: cada momento da vida dele estava meticulosamente encadeado, numa equação cujo único resultado possível era o infortúnio. Sua vida foi uma minuciosa tragédia.

Édipo era príncipe de Corinto e filho de Pólibo e Periboeia – ou, pelo menos, era isso o que ele pensava. Um dia, o príncipe visitou o oráculo de Delfos com a inocente intenção de conhecer seu futuro. Mas o que ouviu dos lábios da pitonisa, no templo de Apolo, foi a promessa de um pesadelo: "Você matará seu pai e casará com a própria mãe".

Horrorizado, Édipo fugiu de Corinto. Decidiu afastar-se o máximo possível de Pólibo e Periboeia, para que a profecia jamais se cumprisse. O que Édipo não imaginava é que aqueles eram apenas seus pais adotivos: eles o haviam encontrado quando ainda era bebê, abandonado em um cesto no mar. Tentando fugir do destino, Édipo vagou pela Grécia. Certo dia, entrou em um desfiladeiro. Andava por uma estrada muito estrei-

Édipo fez o que pôde para fugir do destino.

MAS TODA SUA VIDA ERA UMA ARMADILHA PREPARADA PELA INVENCÍVEL E INDECIFRÁVEL MOIRA.

ta, quando se deparou com um arrogante desconhecido, que vinha chicoteando cavalos em uma carruagem. O homem ordenou que Édipo saísse de seu caminho. Irritado com o tom de voz do sujeito – cujo rosto, no entanto, lhe era estranhamente familiar –, o orgulhoso jovem se recusou a obedecê-lo. Furioso, ele tentou atropelar Édipo. O rapaz desviou-se do ataque e, com a lança, derrubou o desconhecido do carro. Depois, amarrou as rédeas aos pés do homem, chicoteou os cavalos e fez com que os animais o arrastassem até a morte.

Édipo continuou viajando por algum tempo. Finalmente, chegou à cidade de Tebas, que estava sendo assolada pela Esfinge, filha de Tifão e Équidna. O monstro – que tinha cabeça de mulher, corpo de leão e asas de águia – havia pousado nas vizinhanças da cidade, junto a um despenhadeiro. Ali, lançava a todos os viajantes um enigma: "Qual é o animal que anda com quatro pernas pela manhã, com duas à tarde e com três à noite?" Quem não respondesse era destroçado e devorado na hora. Muitos viajantes já haviam morrido nas garras da Esfinge.

Mas o recém-chegado Édipo matou a charada sem pestanejar. "É o homem – que engatinha quando criança, anda com firmeza quando adulto e precisa de uma bengala quando velho". A temperamental Esfinge não suportou a derrota: pulou no precipício e se destroçou nas rochas lá embaixo.

Por ter derrotado o monstro, Édipo foi aclamado rei de Tebas. O antigo soberano da cidade, Laio, havia partido algum tempo antes em uma viagem a Delfos – queria perguntar ao Oráculo como poderia se livrar da Esfinge. Mas Laio desapareceu no caminho, e agora todos já o davam por morto. O novo rei casou-se com a linda rainha viúva, Jocasta. Tudo parecia bem – e Édipo chegou a acreditar que havia escapado à sombra de Moira. Mas o punho do destino tombou de repente sobre ele, e a tragédia se completou de forma cruelmente memorável.

Uma praga terrível começou a dizimar a população de Tebas. Na Grécia, pestilências súbitas eram sempre vistas como castigo divino. Um dia, em meio às ruas cheias de gemidos, surgiu um viajante cego, apoiado em um cajado. Era Tirésias, o maior vidente da Grécia. Por ordem dos deuses, ele vinha revelar a Édipo a terrível verdade. O homem que o jovem herói havia matado no desfiladeiro era Laio – que, além de ser o legítimo rei de Tebas, era o verdadeiro pai de Édipo. Anos antes, uma profecia garantira que Laio seria morto por seu próprio filho. Por isso, o soberano ordenara que o menino fosse abandonado em um local selvagem. Mas tudo fazia parte do terrível plano traçado por Moira. Por mais que tentasse fugir ao destino, Édipo não apenas matara Laio, como havia se casado com sua própria mãe, Jocasta.

Horrorizada com a revelação, a rainha se enforcou. Édipo furou os próprios olhos com um broche, abandonou Tebas e vagou durante o resto da vida pela Grécia, perseguido pelas Erínias – as terríveis divindades infernais, que puniam com a loucura aqueles que derramavam o sangue da própria família. Na Grécia mitológica, não havia distinção entre crimes propositais e involuntários: era preciso pagar por todas as faltas, mesmo as cometidas sem querer. "Contemplem agora Édipo, o herói que derrotou a Esfinge, e que foi tão poderoso e altivo! Vejam a tempestade de terror que o engoliu!", escreveu Sófocles ao final de sua peça. "E que nenhum ser humano se considere totalmente feliz, até haver chegado, sem os dolorosos golpes do destino, ao último dia de sua vida". ◘

A mãe de todas as guerras

Os poemas de Homero, escritos no século 9 a.C., contam a história do maior conflito travado por exércitos mortais na mitologia: a Guerra de Troia, cujo estopim foi a beleza de uma mulher, Helena. Além disso, Homero contou as aventuras de Odisseu, o mais astuto de todos os heróis gregos.

texto EDUARDO SZKLARZ e JOSÉ FRANCISCO BOTELHO

ilustrações MIKE AZEVEDO

A Guerra de Troia foi muito mais do que um simples conflito – para os antigos gregos, ela representava aquele momento misterioso em que a mitologia começava a virar história. O épico embate deu origem aos dois maiores poemas da literatura clássica – ambos atribuídos a Homero, que viveu por volta do século 9 a.C. A *Ilíada* narra acontecimentos ocorridos no último ano da guerra, enquanto a *Odisseia* relata a atribulada viagem de Odisseu de volta ao lar (Odisseu, como você verá a seguir, foi um dos principais heróis a lutar contra os troianos).

"Os antigos gregos acreditavam que a Guerra de Troia não era ficção, nem mesmo mito. Era um evento histórico ocorrido num passado remoto, que ajudou a forjar a unidade da Grécia", diz Theresa Urbainczyk, professora de história clássica na University College Dublin, na Irlanda. Alguns arqueólogos acreditam que Troia realmente existiu – sua localização seria no oeste da atual Turquia, em um sítio arqueológico que foi descoberto no final do século 19. "Ninguém sabe ao certo se esse local é mesmo o da Troia homérica", explica Anderson Zalewsky Vargas, especialista em Antiguidade clássica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). "Mas tendo ou não existido de verdade, o fato é que a guerra em torno a essa cidade foi o conflito fundador da cultura grega".

Contudo, o relato de Homero não é maniqueísta. Em vez de uma luta de heróis contra bárbaros, o que o grande poeta grego nos deixou foi uma conflagração de paixões profundamente humanas.

HELENA E PÁRIS

Troia (ou Ílion) foi a cidade mais suntuosa e magnífica da mitologia – e sua destruição ocorreu por causa da mais bela mulher que já pisou a Terra: Helena, nascida em Esparta, filha de Zeus e Leda. Desde menina, ela mexia com a fantasia dos homens. Quando Helena virou mulher, os grandes príncipes e guerreiros da Grécia enviaram presentes ao seu pai adotivo, o rei Tíndaro. Antes de escolher um marido para a filha, o monarca obrigou todos os pretendentes a fazer um juramento: se, após o casamento, a moça fosse raptada, todos defenderiam seu legítimo esposo.

O escolhido para desposar Helena foi Menelau, irmão de Agamênon, soberano de Micenas. Menelau assumiu o trono de Esparta após a morte de Tíndaro, mas seu casamento estava condenado ao fracasso. O coração de Helena bateria por outro homem: Páris, filho do rei troiano Príamo e de sua esposa Hécuba.

Embora fosse filho de um rei, Páris foi criado nas encostas de um monte, como pastor – foi lá que serviu de árbitro na disputa de beleza entre as deusas Afrodite, Hera e Palas Atena. Para ganhar a competição, Afrodite prometera ao juiz o amor da mais linda mulher do mundo. Tempos depois, Páris viajou a Esparta, onde Menelau o recebeu cortesmente, como hóspede. Mas nem bem o marido deu as costas, o troiano fugiu com Helena – que, por obra de Afrodite, apaixonara-se por ele à primeira vista.

Ao saber disso, Menelau invocou o juramento que os pretendentes de Helena haviam feito a Tíndaro. E pediu a seu irmão, Agamênon, que recrutasse um grande exército para arrasar as muralhas de Troia. O rei de Micenas enviou mensageiros a toda a Grécia. E assim reuniu, sob seu comando, a maior tropa de heróis em todas as histórias da mitologia.

JUNTOS CONTRA TROIA

A expedição liderada por Agamênon era um vasto catálogo de reis e guerreiros famosos: Odisseu (entre os romanos, Ulisses), o astuto monarca da Ítaca; Nereu, o sábio e experiente governante de Pilos; Diomedes, rei de Argos; e o brutamonte Ájax, jovem rei de Salamis. Mas a grande estrela sangrenta era mesmo Aquiles, príncipe da Ftia. Era filho de Peleu e da nereida Tétis – que o mergulhou, quando bebê, nas águas do Estige, um dos rios que corriam no inferno grego. Isso tornou a pele e a carne de Aquiles invulneráveis – exceto o calcanhar, a única parte do corpo que não foi molhada pelas águas infernais. Sim, daí vem a expressão calcanhar de Aquiles e toda aquela história.

Além das tropas humanas, também os deuses olímpicos se prepararam para a batalha. Hera e Palas Atena estavam dispostas a devastar Troia, como vingança pela ofensa de Páris, que havia escolhido Afrodite como a mais bela do Olimpo. A deusa do amor, protetora de Páris, defenderia a cidade sitiada, assim como Apolo. Zeus e Poseidon não tinham lealdade definida, pendendo ora para um lado, ora para outro.

Mesmo com tantos heróis reunidos, Agamênon sabia que tomar Troia de assalto era impossível: afinal de contas, as muralhas da cidade foram construídas por Apolo e Poseidon (*como você viu na página 27*). A obra de mãos divinas não podia ser destruída por engenhos humanos. O jeito era vencer os troianos no cansaço: o exército grego acampou na praia, em frente às portas da cidade, e assim se passaram nove anos, sem um combate decisivo. Durante todo esse tempo, os gregos saquearam cidades vizinhas e aliadas de Troia, como Lesbos e Antandros, deixando palácios em chamas e raptando mulheres. Agamênon sequestrou Criseida, filha de Crises, um sacerdote de Apolo. E Aquiles raptou Briseis, rainha da cidade de Lirnesso. O captor se apaixonou pela prisioneira – e essa nova paixão também teria consequências fatais tanto para gregos quanto troianos.

A FÚRIA DE AQUILES

Na primavera do décimo ano, a maré virou – e é nesse ponto da guerra que Homero começa seu relato na *Ilíada*. Enfurecido pelo rapto de sua filha, o sacerdote Crises implorou a ajuda de Apolo. O mortífero deus da luz, cuja mira jamais falha, empunhou seu arco e lançou setas letais contra a guarnição grega. Durante nove dias, uma praga devastou o exército. Suspeitando da origem da pestilência, os soldados exigiram que Agamênon devolvesse Criseida a seu pai.

O rei ficou furioso ao ser coagido pelos próprios soldados. E resolveu descontar sua raiva em Aquiles, de quem invejava a popularidade. Por isso, aceitou devolver Criseida com uma condição: "Que Aquiles me entregue Briseis, como compensação por minha perda; ainda esta noite, a rainha de Lirnesso irá aquecer minha cama!" Se a intenção era irritar Aquiles, Agamênon conseguiu. Ofendido, o príncipe invencível abandonou o exército grego. Isolado em sua tenda, à beira do mar, ficou dedilhando sua lira e remoendo o rancor.

Desde o início da guerra, a defesa de Troia fora liderada pelo nobre e gentil Heitor, filho de Príamo. Era um guerreiro habili-

A guerra pela mulher mais linda da Terra

DESTRUIU A MAIS BELA CIDADE DA MITOLOGIA GREGA, EM UM CONFLITO ÉPICO QUE ENVOLVEU DEUSES E MORTAIS.

Aquiles, príncipe da Ftia, era o mais letal dos guerreiros gregos.

doso, mas que detestava carnificina: lutava apenas por necessidade, e não por glória ou ambição. Por isso, é um dos personagens mais humanos – e mais admirados – no poema de Homero. Ao saber que Aquiles desertara, Heitor aproveitou a oportunidade para contra-atacar. Os portões de Troia se abriram e despejaram milhares de combatentes em direção ao acampamento inimigo. Os arqueiros troianos lançaram flechas incendiárias, e logo o fogo se espalhava pelas barracas e pelos navios ancorados na praia. Mas no meio da fumaça, Heitor avistou um homem coberto por metal dourado – e reconheceu a armadura de Aquiles. Achando que o príncipe da Ftia voltara à luta, Heitor o atacou e cravou a lança na barriga do inimigo. Só ao retirar seu elmo reconheceu o rosto ensanguentado de Pátroclo, primo e melhor amigo de Aquiles. Pátroclo pegara emprestada a temida armadura, na vã tentativa de afugentar os troianos.

Ao saber da morte do amigo, Aquiles jogou cinzas no rosto, chorou e jurou vingança. Logo em seguida, estava de volta à batalha, com uma fúria jamais antes vista entre deuses ou mortais. Com um terrível grito de guerra – "Morram, troianos, morram!" – Aquiles degolou e trespassou centenas de inimigos num único dia. Correu até as portas de Troia, deixando atrás de si um rastro de sangue, e lá desafiou Heitor. O nobre troiano enfrentou o semideus grego – mesmo sabendo que não podia vencer. Aquiles fincou sua lança no pescoço de Heitor, que desabou com uma lufada de sangue. Mas o irascível príncipe de Ftia também tinha os dias contados. Moira, a deusa do destino, decidiu que Aquiles deveria morrer jovem – para viver eternamente na memória dos humanos. Pouco tempo depois, o calcanhar do herói foi atingido por uma flecha envenenada, disparada por Páris. E assim Aquiles foi encontrar o fantasma de Heitor na região dos mortos.

O CAVALO DE TROIA

O relato da *Ilíada* termina com os funerais de Heitor. O resto da história é con- ►

© Adams Carvalho

tado em obras como a *Eneida*, escrita pelo romano Virgílio no século 1. Sem Aquiles, os gregos precisavam de um estratagema para ganhar a guerra, pois a força bruta não funcionava mais. Foi Odisseu, inspirado pela infalível Palas Atena, quem teve a ideia de oferecer aos troianos um presente mortal. Com toras de pinho, os gregos construíram um imenso cavalo oco. Na parte de fora, escreveram as palavras: "A Palas Atena". Odisseu convenceu os mais valentes a se esconderem, armados, na barriga do animal de madeira. Ao anoitecer, os demais gregos colocaram em prática o restante do plano: incendiaram o próprio acampamento e navegaram até as ilhas mais próximas, onde ficaram escondidos.

Na manhã seguinte, os troianos viram o acampamento grego reduzido a cinzas e o cavalo gigante na costa. Príamo e seus súditos contemplaram a estátua assombrados. Alguns troianos acharam aquilo estranho. "Não confiem nos gregos nem quando eles trazem presentes!", gritou o sacerdote Laocoonte. Mas o rei não deu ouvidos. Achou que o cavalo fosse uma oferenda a Palas Atena. Portanto, seria um sacrilégio destruí-lo. Príamo decidiu levar o colosso equino para dentro da cidade – sem saber que, assim, condenava Troia à destruição completa.

Naquela mesma noite, enquanto os troianos dormiam, o ventre do cavalo despejou guerreiros. Os gregos deslizaram em silêncio pelas ruas e abriram os portões. As tropas ocultas nas ilhas voltaram à praia e invadiram a cidade. No mundo antigo, a misericórdia era uma virtude rara em tempos de guerra, como prova um famoso ditado romano: *Vae victis*, ou "ai dos vencidos!" Quase todos os homens da cidade foram passados no fio da espada, e as mulheres tornaram-se escravas. Um dos poucos sobreviventes foi Eneias, sobrinho de Príamo. Segundo a *Eneida* de Virgílio, ele conseguiu escapar com um pequeno grupo, enquanto Troia era consumida pelas chamas. Após navegar pelo Mediterrâneo, Eneias chegou à Itália, onde seus descendentes fundaram outra cidade, destinada à glória: Roma, que, depois de um tempo, conquistaria a Grécia.

O RETORNO DE ODISSEU

Após a destruição de Troia, os heróis gregos embarcaram em seus navios e rumaram para casa. Mas nem todos os retornos foram fáceis. Alguns gregos morreram no caminho, outros levaram anos para pisar na terra natal. Mas nenhuma volta foi tão atribulada e fabulosa quanto a de Odisseu – "aquele homem renomado pelas variadas artes da sabedoria e muito experimentado em sofrimentos", como canta Homero na *Odisseia*.

Odisseu é um dos personagens mais célebres e complexos da mitologia: sua principal virtude heroica não era a força ou a habilidade guerreira, mas a esperteza. Embora fosse astuto, era também azarado: as reviravoltas do destino fizeram com que navegasse durante dez anos, lançado de aventura em aventura, antes de conseguir retornar a casa. E, durante todo o trajeto, Odisseu não esqueceu por um único instante a esposa Penélope e o filho Telêmaco, que o esperavam lá na inatingível Ítaca.

Após partir de Troia, ele desembarcou casualmente na ilha dos Lotófagos, habitada por homens desmemoriados. Isso porque, naquela terra, crescia a deliciosa fruta do lótus, iguaria que apagava todas as lembranças e todo o desejo de voltar para casa. Qualquer viajante que a provasse ficaria ali para sempre. Em vez de comer a fruta do esquecimento, Odisseu e seus marujos seguiram adiante, até desembarcarem na ilha dos ciclopes, tribo de gigantes selvagens com um só olho no meio da testa. Mas os gregos acabaram aprisionados na caverna de Polifemo, o

mais feroz dos ciclopes – que, ainda por cima, tinha um gosto por carne humana. Para escapar, Odisseu recorreu a um de seus famosos estratagemas. Primeiro, ofereceu ao gigante antropófago um odre – espécie de cantil antigo – cheio de vinho. Polifemo, embriagado e feliz, perguntou ao prisioneiro: "Como você se chama?" Com sua típica presença de espírito, Odisseu respondeu: "Ninguém". E o ciclope retrucou: "Excelente, Ninguém! Como agradecimento por esse ótimo vinho, vou devorá-lo por último". E terminou de beber até a última gota.

Mas logo que o ciclope desmaiou alcoolizado, Odisseu furou seu único olho com um pedaço de lenha e escapou da caverna. Polifemo, aos berros, pediu ajuda aos seus vizinhos ciclopes. Os gigantes acorreram, aos gritos: "O que houve, Polifemo? Quem furou seu olho?" O ciclope cego respondeu: "Ninguém me feriu! Ninguém está escapando!" Achando que Polifemo estivesse louco, os outros gigantes deram de ombros e se afastaram, dando tempo para que Odisseu navegasse para bem longe dali.

Mas essa vitória trouxe uma terrível onda de má sorte: Polifemo era filho de Poseidon. Enfurecido, o deus dos mares condenou Odisseu a vagar ao léu durante anos, de naufrágio em naufrágio, singrando muitas terras povoadas por monstros e seres fantásticos. Nos mares ao redor de Capri, ouviu o mortífero canto das sereias (que afundavam navios). Na ilha de Ea, enfrentou Circe, feiticeira que tinha o hábito de transformar hóspedes em porcos. No estreito de Messina, viu seus companheiros serem massacrados pelos monstros marinhos Sila e Caríbdis. Mas enfim, com a ajuda de Palas Atena, conseguiu desembarcar na Ítaca – sozinho, barbudo e coberto de farrapos. E foi lá que Odisseu enfrentou seu último grande desafio.

Durante a ausência do soberano, o palácio real ficou cheio de pretendentes ambiciosos. Mais de cem aristocratas oportunistas haviam se abancado nas salas, quartos e despensas, cobiçando a mão da rainha e o trono da Ítaca. Mas Penélope era fiel. Durante anos, resistiu valentemente aos avanços. Disfarçado de mendigo, Odisseu se esgueirou para dentro de sua própria casa. Revelou sua identidade apenas para o filho Telêmaco, agora um rapagão forte e ágil. Juntos, armaram uma emboscada na sala do trono. Palas Atena, mais uma vez, ajudou seu protegido, guiando seus golpes e lhe dando força redobrada. Com uma chuva de flechadas certeiras, Odisseu e Telêmaco mataram todos os abusados pretendentes.

Só então, após 20 anos de ausência, o calejado Odisseu pôde dormir nos braços da esposa. A *Odisseia* não conta o resto da história, mas o argentino Jorge Luís Borges, no século 20, imaginou este desfecho para a maior de todas as jornadas: "A rainha agora dorme sobre o peito de seu rei. Mas será ele ainda aquele homem, que, nos dias e nas noites do desterro, errava pelo mundo como um cão – e dizia que Ninguém era o seu nome?"

© Adams Carvalho

EDITORA Abril
Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente) e Giancarlo Civita

Diretor de Assinaturas: Ricardo Perez
Diretora de Serviços de Marketing: Andrea Abelleira

SUPER INTERESSANTE

Diretor de Redação: Alexandre Versignassi
Editores: Bruno Garattoni e Felipe van Deursen
Editora Assistente: Ana Carolina Leonardi
Repórteres: Bruno Vaiano, Felipe Germano e Luiza Monteiro
Editora de Arte: Bruna Sanches
Designers: Anderson C.S. de Faria, Juliana Caro, Tainá Ceccato, Yasmin Ayumi
Estagiários: Ingrid Luisa e Rafael Battaglia (texto) Daniela Tiemi (arte)

DOSSIÊ SUPER INTERESSANTE

Editor: Bruno Garattoni
Colaboraram nesta edição: José Francisco Botelho (edição e texto), Andreas Müller e Eduardo Szklarz (texto), Juliana Vidigal (projeto gráfico e direção de arte), Rafael Sarmento (Ilustração da capa), Mike Azevedo e Adams Carvalho (ilustrações), Alexandre Carvalho (revisão).

MITOLOGIA GREGA
ISBN 978-85-69522-74-4

é um livro da Editora Abril S.A., distribuído em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
O Dossiê Mitologia Grega não admite publicidade redacional.

IMPRESSO NA GRÁFICA ABRIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A168m

Abril Comunicações
Mitologia grega. / Abril Comunicações; José Francisco Botelho (editor). – São Paulo: Abril, 2018.
68 p ; il. ; 27 cm.

(Dossiê Superinteressante , ISBN 978-85-69522-74-4; ed. 394)

1. Mitologia grega. 2. Grécia antiga - Mitos.
I. Título. II. Abril Comunicações. III. Botelho, José Francisco. IV. Série.

CDD 292.13

BAIXAR
SOFTWARE
BAIXE SOFTWARES E JOGOS
PARA WINDOWS E ANDROID
REVISTAS, EBOOKS,
GRÁFICOS, FONTES
TRUETYPE, ÍCONES...
e muito mais!
Confira!
VISITE-NOS: www.baixarsoftware.com